

WILSON ROCHA

UM GNOMO NA MINHA HORTA



Wilson Rocha

UM GNOMO NA MINHA HORTA

Série Vaga-Lume

TEXTO

Editor:

Fernando Paixão

Assessora editorial:

Carmen Lúcia Campos

Preparação dos originais:

Ruth Kluska Rosa

Revisão:

Dirceu A. Scali Júnior

Suplemento de trabalho:

Antônio Carlos Olivieri

ARTE

Editor:

Ary A. Normanha

Capa e ilustrações:

Lúcia Brandão

Diagramação e arte-final:

Fukuko Saito

Antônio Ubirajara

Paginação em vídeo:

Neide Hiromi Toyota

Composição:

Maria Inês Rodrigues

Editora Ática, 1994

E-BOOK:

Digitalização: SCS



UM ESCRITOR ENVOLVIDO COM A FANTASIA

Wilson Rocha é um carioca de múltiplas atividades: advogado, autor e diretor teatral, roteirista cinematográfico e roteirista e diretor de televisão. Sua carreira começou cedo, quando montava peças na escola e na universidade. Pouco depois foi descoberto e contratado pela TV Globo, na década de 60, quando a televisão se firmava no Brasil. Por isso, pode ser considerado um dos homens que criou e incentivou a linguagem televisiva no país.

"E estive quase sempre envolvido com todos os tipos de fantasia, escrevendo — além de livros infanto-juvenis — episódios do Sítio do pica-pau amarelo, especiais para a tevê, jogos e brincadeiras para programas infantis", conta o escritor.

Em 1987, publicou na Série Vaga-Lume *Os passageiros do futuro*, livro que alcançou enorme sucesso em todo o Brasil. E agora ele vem com uma história diferente, que tem muito de filme. Por que ele escolheu o tema dos gnomos, se diz que é um homem avesso a misticismos? "Não sei", responde com franqueza. "Talvez porque trabalho com o Mário Meirelles, um dos grandes talentos da nova geração da tevê, que acredita em cristais, no destino, em gnomos. Ou será que os próprios duendes me atraíram para este divertido trabalho em sua homenagem?"

Considerado especialista em comunicação infantil, Wilson Rocha desenvolveu também projetos para adultos, como as novelas *Seu Quequé* e *Olhai os lírios do campo*, além de documentários para vídeo, cinema e tevê. Trabalhos esses "todos escritos com grande prazer", ele confessa e acrescenta: "o mesmo prazer que espero proporcionem ao leitor as incríveis aventuras do gnomo *Casca de Bétula*".

AO VERDADEIRO JOÃO FILIPE,
QUE É MEU MAIS NOVO CAMINHO
PARA O FUTURO.

VIVER É MUITO COMPLICADO,
E FELICIDADE
É NÃO PERCEBER ISSO.
W. R.

Um raio morno de luz entrava pela minha janelinha, quando acordei. Devo ter sido a primeira pessoa, a bordo, a perceber que o avião acabara de varar a noite, e alcançava as manhãs do oeste.

Nas outras poltronas do Boeing, os demais passageiros ainda dormiam, e ninguém parecia notar que já íamos começar a sobrevoar o território brasileiro, após a travessia do Atlântico. Entre eles, o homem gordo, roncando a meu lado. Antes de adormecer, ele tinha sido muito simpático, e conversado comigo durante boa parte da viagem. A aeromoça chegou a pensar que ele era meu pai.

— Seu filho vai querer refrigerante? — ela perguntara ao meu vizinho, na hora em que serviram o jantar.

Ele achou muita graça.

— Eu podia mesmo ter um filho do seu tamanho. Quantos anos você tem?

— Doze! — respondi.

— Idade linda! Foi a melhor fase da minha vida!

Daí por diante, deu de contar uma porção de proezas do seu tempo de menino. Só parou quando começaram a exhibir o filme.

— Adoro filmes de ação, e você?

Eu disse que sim, pensando que ele ia continuar com a conversa, mas felizmente não foi assim. Na metade do filme, ele já estava com os olhos fechados, e, pouco depois, eu também não soube de mais nada.

Agora que estávamos chegando, faltando pouco mais de uma hora, resolvi contar um pouco sobre mim. Não que ele tivesse perguntado, mas é que eu precisava, de algum jeito, disfarçar minha aflição.

E que aflição!

— Meu nome é João Filipe (com i), e estudei um ano na Inglaterra, em casa de uma tia que está morando lá com o marido. Meus pais são brasileiros, e nossa casa é em Petrópolis. Antes era no Rio, mas eu soube por carta que eles precisaram mudar. Estou viajando sozinho, mas eles vão estar me esperando no Galeão.

Foi o melhor resumo que encontrei, para dar uma satisfação ao homem gordo, e ele também não perguntou mais nada. Só comentou:

— Petrópolis é um encanto de cidade. Eu tenho uma casa de campo lá perto, em Araras, conhece? Adoro mato, floresta, vegetação.

— Eu também!

Ah, se ele soubesse como! Mas evitei lhe contar as aventuras que vivi na Holanda, naquelas férias com tia Alzira. Não poderia falar as coisas pela metade. Corria o risco de me distrair e revelar... aquilo!

Quando pensei nisso, a aflição voltou!

Pela milésima vez, ergui os olhos para o porta-bagagem lá em cima. Como estariam as coisas ali? Bem, eu tinha feito o possível para a comissária me deixar levar a mochila sobre os joelhos. Era só uma mochilazinha, não pesava nada. Mas ela insistiu em guardar no porta-bagagem, e se eu discutisse muito talvez ela me obrigasse a abrir a mochila, para revistar. E aí?

De novo a aflição! Quando iria acabar? Eu já achava que nunca!

Eu tinha arranjado um problema para o resto da vida. A menos que eu voltasse à Holanda, para levá-lo. E, mesmo assim, será que ele concordaria em me abandonar?

Por que eu fora atender a vontade dele?

Bem, felizmente ele tinha ficado quieto durante a viagem. Quietos demais! Embora, num dado momento, eu tivesse ouvido algo como um canto de pássaro.

— Pássaros no avião? — dissera meu vizinho.

O homem gordo também ouvira aquilo! Mas só eu sabia o que era.

Que bom se eu conseguisse deixar de me preocupar! Pelo menos até chegarmos em casa. Consolei-me com o fato de, pelo menos, ele ter se comportado bem durante o vôo, aliás como prometera.

— Só quero ver como são as florestas do seu país! — ele dissera. E não tive outro jeito senão acreditar.

Agora, que estávamos quase aterrissando, minhas preocupações voltavam: "Duvido muito que ele não vá aprontar das suas!".

Não vou perder tempo, aqui, descrevendo a chegada, o pouso, o desembarque, o encontro com meus pais que esperavam lá do outro lado das vidraças, enquanto liberavam minha bagagem.

Foram abraços sem fim, cheios de saudade, e algumas lágrimas de alegria. O Brasil, afinal, é um dos seus principais produtos: a emoção familiar. Havia outras pessoas — parentes e amigos — contentes em me ver, dizendo que eu estava crescido. Ainda tive tempo de fugir deles, e ir me despedir do homem gordo. Estava também rodeado de gente, mas apertou minha mão, e me deu um cartão de visitas.

— Aí tem meu endereço em Araras! — disse. — Vá até lá, conhecer a casa!

Do aeroporto, papai e mamãe me levaram direto para Petrópolis. Em todo o trajeto, eu não larguei minha mochila, nem por um segundo.

Afinal, dentro dela, eu trazia um gnomo.

||

Bem, essa é a situação. Deu pra entender? — disse meu pai, ainda naquela tarde, sentado à escrivaninha, em seu pequeno escritório.

Estava tendo comigo uma daquelas conversas de homem-pra-homem, a que meu pai já me habituara desde pequeno.

Só que, agora, não esperou que eu esquentasse lugar. O papo foi logo depois do almoço.

Eu tinha adorado a casa nova, que mamãe foi logo mostrando, mal descemos do carro. Papai, enquanto isso, descarregava as minhas malas (menos a mochila, que essa eu não larguei). Achei meu quarto um barato. Ele ficava numa quina, de onde se viam o jardim e o quintal. Isso era uma novidade para mim, que sempre morara em apartamentos.

O escritório de papai era o maior charme. Ficava assim no alto, numa espécie de torre isolada no meio do telhado, que ele chamava de água-furtada. Foi ali que ele se fechou comigo para a tal conversa, enquanto fazíamos a digestão.

Primeiro, ele fez uma fita, perguntando sobre a Inglaterra, meus estudos e passeios por lá. Mas eu vi que ele estava mesmo era a fim de abrir o jogo sobre outra coisa. Dei força:

— Conta aí, pai. O que está havendo?

Não precisou mais. Ele explicou o motivo por que tinham se mudado. A vida no Rio estava cara para eles. E piorou quando papai ficou sem contrato na televisão. Já estava há quase quatro meses sem trabalho. Chegaram a pensar em vender o apartamento, mas resolveram que isso só em caso de desespero. Preferiram alugar, provisoriamente, e pagar um outro aluguel mais barato por aquela casinha meio modesta em Petrópolis, até as coisas melhorarem.

— Mas, papai, como foi isso? Você escreve tão bem!

— E eu não sei? — disse ele, vaidoso. — Mas a questão não é essa. Há sempre outros querendo fazer o mesmo que você, disputando o seu lugar. Para entrar um novo escritor, outro espirra. Eu espirrei!

— Mas você não tinha tantos amigos lá?

— Antes de mais nada, há poucas emissoras de tevê, você sabe. Além disso, televisão não é clube, é um negócio. E se você tem amigos, os outros escritores também têm. Quem fica com o lugar é aquele que tem amigos mais poderosos, e que acham que ele é melhor para o negócio! Entendeu?

— Se você está dizendo...

Ele parou de falar, e ficou me olhando. Percebi que ele sofria. Papai tinha muito talento, e já havia escrito histórias ótimas, de muito sucesso. Até um filme de cinema. E três livros. Mamãe dizia que, se ele morasse nos Estados Unidos, estaria rico, com as novelas e minisséries que criava. Eu não achava justo o que estava acontecendo com ele.

— E quando você vai conseguir trabalhar de novo? Vai ficar sempre sem emprego? — perguntei.

— Claro que não! Bem... acho que não! Estou com vários projetos prontos, e outros começados. Algumas histórias são geniais. Tenho um livro juvenil prontinho para sair, mas você sabe que livros dão pouco dinheiro — disse ele, andando de um lado para outro.

— Aqui no Brasil, não é? No cinema, a gente vê que os escritores americanos ficam ricos, e moram em casa com piscina.

Papai sorriu, melancólico: a velha teoria de mamãe, que infelizmente não adiantava nada.

— O fato é que nós moramos aqui. É neste país que precisamos sobreviver, comer, vestir. Precisamos pagar a casa, o médico. Precisamos pagar seus estudos. Um escritor, nos Estados Unidos, se inventar um E.T. torna-se milionário da noite para o dia. Aqui, você pode ter mil E.Ts., e não acontece nada.

E se tiver um gnomo?

Só então me lembrei que ainda não havia esvaziado a mochila, e ela estava ali a meu lado. Aberta. Casca de Bétula tinha, provavelmente, ouvido toda a nossa conversa.

Levei a mochila para meu quarto, tirei tudo de dentro dela, sacudi-a de boca para baixo, e nem sinal do gnomo. Já deveria estar dando uma volta de reconhecimento, pelas redondezas.

Entre as quinquilharias caídas, lá estava, chamando atenção, o cartão do meu vizinho de assento, no avião.

Embaixo do nome, um título: superintendente-geral. Geral de quê? Num canto, uma espécie de antena desenhada em relevo, e as letras T e V. Televisão! Fiquei de perguntar depois a meu pai se por acaso conhecia o cara, mas depois que guardei o cartão esqueci o assunto. Que garoto dessa idade não esqueceria?

Agora estava era preocupado com Casca de Bétula.

III

Metade de minha alegria, que eu tinha trazido da Europa, esfriou depois daquele papo com papai.

Nem tive jeito de contar tudo o que acontecera naquele ano em que estivera fora. Fui dizendo uma coisa ou outra aos pedaços, nos dias seguintes. Enquanto esperava a época para mamãe me matricular numa escola, aproveitei para conhecer as redondezas. Antes de explorar o bairro, quis ver direitinho a casa.

Lógico que nem me passara pela cabeça falar a respeito de Casca de Bétula. Os gnomos rolam de rir, quando alguém faz isso depois de ver um deles, pois ninguém acredita. Se na Europa eu nunca me atrevi a contar, o que diria aqui.

Além disso, Casca de Bétula estava sumido. Não estranhei, porque já estava habituado a essa mania de desaparecer. Coisa de gnomo. No mínimo, já estava fazendo das dele, investigando, descobrindo, conhecendo, querendo conversar e ajudar os bichos que devia haver por ali.

Claro que Petrópolis não era como a Holanda, nem feito a Inglaterra. Eu avisara, mas Casca de Bétula, cheio de curiosidade, não perdeu a chance de entrar nessa aventura e vir descobrir o Brasil. Viajar dentro de uma mochila não era nenhum problema para um gnomo.

Mas onde andaria agora?

Eu não conseguia esquecê-lo um só minuto. E alguém poderia? Um gnominho maravilhoso daqueles...

De repente, um dia, papai berrou no escritório:

— Quem andou mexendo nos meus papéis?

Papai quase enlouquecia quando alguém tocava na mesa dele. Jurei que não tinha sido eu, mas já desconfiando de quem poderia ser. Casca de Bétula estava em ação outra vez!

Só não entendi a razão desse súbito interesse por leituras. Na Holanda e na Inglaterra, dentro de casa ele só mexia em coisas de cozinha, ou ferramentas. Só tirava do lugar objetos de uso doméstico ou pessoal como cachimbos, almofadas, relógios, caixas de fósforos, tesouras ou luvas. No campo, coisas ligadas ao trato da terra ou do gado. Nada, porém, tão intelectual. Então me lembrei que nem tia Alzira, nem o marido dela eram escritores. Não havia, também, qualquer literato num raio de cem quilômetros.

Mas agora ali estava meu pai, à disposição. Com sua papelada, seus roteiros, suas novelas.

— Eu estava escrevendo um show! — explicou nervoso, tentando pôr a papelada em ordem. — Um sujeito, meu conhecido, vai produzir um musical, e perguntou se eu poderia escrevê-lo. Como estamos precisando de grana, topei na hora. Mas veja esta bagunça! Nem sei mais o que fazer. Acho que vou desistir!

— Desistir? — disse mamãe, entrando para ajudar. — Um escritor de talento que nem você?

— Mas não para shows! Você sabe que nunca escrevi um, em toda a minha vida. Essa ia ser minha primeira experiência no gênero. E se não desse certo...

— Se não desse certo o quê? — eu quis saber.

— Aí eu ia ter mesmo de vender queijo! — completou papai, usando uma velha piada que costumava dizer nos bons tempos, mas que soava amarga, agora nos maus. — Ou sua mãe ia pintar camisetas para vender!

— Não seria nada demais! Há muita gente fazendo isso, para ajudar o marido — disse mamãe, ajoelhada no chão, organizando os papéis. — Além disso, já estou começando a colher hortaliças, lá no quintal.

— Triste fim de um escritor. Vender alface! — resmungou papai.

— Não é desonra nenhuma — rebateu mamãe. — Embora eu tenha a certeza de que este show vai dar certo.

— Só por mágica ou milagre! — disse papai.

Logo que os papéis foram recolhidos, ele se sentou à escrivaninha para conferi-los. Eu e mamãe ficamos ali, em silêncio, esperando o resultado.

Não entendemos por que, em vez de se acalmar, papai foi se desesperando enquanto lia. De repente, teve um acesso de fúria:

— Que droga é essa? Eu não escrevi essas coisas! Quanta bobagem! — e começou a rasgar tudo. — Precisava ser um burro, para ter criado isso!

E, no resto do dia, não falou mais nada com a gente. Ficou trancado no escritório, talvez tentando reiniciar o trabalho, desde o começo. Eu e minha mãe tivemos de almoçar e jantar sozinhos. Ela não fazia a mínima idéia do que realmente acontecera. Eu sim!

Na hora de dormir, quando fui para o quarto, eu já sabia o que devia fazer, e adivinhava o que iria acontecer. Tinha sido assim também na Holanda, quando sumiram os óculos de meu tio. Mal tranquei a porta, fui logo dizendo em alto e bom som:

— Casca, eu sei que você está aí! Apareça! Vamos ter uma conversinha!

Nem terminei de falar, e lá estava ele em cima da cama, sobre o lençol.

IV

Hum, como isso é cheirozinho! — disse ele, com aquela vozinha sempre cheia de musicalidade e simpatia.

— Não quero saber do cheiro do lençol, Casca. Estou interessado é no que você fez com os papéis de papai!

Falei em português, porque os gnomos entendem todas as línguas igualmente.

— Ah... aquilo!

— Sim! Aquilo!

Ele levantou o nariz rosado, olhando o teto.

— Não podemos falar de outras coisas?

Fui durão:

— Outras coisas não, Casca. Temos de resolver primeiro esse assunto! Por que você bagunçou os papéis de papai?

Isso era um prato para um gozador como Casca de Bétula.

— Papéis-de-papai, papai-de-papéis, papiz-de-papuz, papipas-popéis — rimou ele, terminando com uma sonora gargalhada.

— Não achei graça nenhuma!

Ele me olhou com aqueles olhos azuis de anjo, cheio de pena.

— Por que você está tão zangado, João Filipe?

Respirei fundo, para me controlar, antes de começar a falar. Isso é necessário, quando se deseja argumentar com um gnomo. Eles sempre já sabem o que se quer dizer, mas fingem que não, para que a gente se canse explicando, e mude de opinião. Eles são assim, o que se vai fazer?

— Casca, eu não sei por onde você andou, desde que chegamos, mas tenho a certeza de que está muito bem informado dos problemas do meu pai. Sabe que ele perdeu o emprego de escritor naquela televisão, e ainda não arranjou nenhum outro. Sabe ou não sabe?

— Sei! — disse ele, desinteressado, dando uma cambalhota no lençol, e depois outra e mais outra, até chegar ao travesseiro.

— E sabe que, por isso, estamos tendo dificuldades com dinheiro, e que papai está se esforçando para vender o material. Sabe ou não sabe?

— Sei! — respondeu, de cócoras sobre o travesseiro, tentando furar a franha com o dedo. Viu minha cara feia, e desistiu.

— E sabe também que prometeu não aprontar das suas, quando chegasse ao Brasil. Prometeu ou não prometeu?

— Prometi! Prometi e cumpri! Não aprontei nada quando cheguei ao Brasil. Só no dia seguinte!

Casca de Bétula podia botar qualquer um maluco, se quisesse. Gritei:

— Era pra não aprontar dia nenhum, Casca! E desça já daí, e me ouça!

Pequenininho, ele escalara a cabeceira da cama, e agora andava se equilibrando lá em cima. Tentei pegá-lo, mas ninguém bota a mão num gnomo quando ele não quer. Num salto fenomenal, mergulhou de volta ao travesseiro, onde se estatelou e ficou de barriga para baixo, fingindo-se de morto. Sabendo que o travesseiro era macio, não dei confiança (o único jeito de os gnomos, que são muito prosas, perderem o rebolado). E continuei:

— Você foi muito mau com meu pai, Casca. Aquele trabalho dele era muito importante. Levou semanas preparando, esforçando-se para acertar. E você foi lá e bagunçou tudo. Nunca pensei que você fosse capaz de dar prejuízo a alguém. Estou muito triste, Casca!

Ele então virou-se, e ficou de pé.

— Eu também! — disse, com as mãozinhas rechonchudas na cintura, olhando-me de frente.

— Bem... Pelo menos você se arrepende!

— Não estou triste de aborrecimento, não. Estou é magoado com seu pai. Nunca pensei que alguém pudesse ser tão mal-agradecido!

— Mal-agradecido?! Por que você escreveu uma porção de bobagens no trabalho dele? Casca, você estragou o que ele já havia feito!

— Você é quem diz que estraguei. Por mim, melhorei!

— Melhorou?! — eu já não entendia mais nada.

— Claro, e o incompetente ainda me chamou de burro! Aquilo me pisou nos calos.

— Meu pai não é incompetente!

— Ele mesmo confessou que é! Disse que não sabia escrever um musical! E aquilo que andava fazendo era mesmo uma porcaria! Alguém precisava mostrar a ele como se faz!

— Mas, em todas as outras coisas, papai é ótimo: filme, livro, teatro, comerciais, novelas e seriados de televisão... É um excelente roteirista! Ninguém vai ensinar pra ele como ser escritor!

— A menos que seja um gnomo-contador-de-histórias!

Durante minha estada na Europa, eu tivera um raro privilégio, raramente concedido a um simples mortal: conhecer os gnomos. E conhecê-los, eu diria, profundamente! Talvez eu fosse um

predestinado, tivesse alguns predicaos especiais, que justificassem que eles me dessem a honra de conhecê-los de perto, e ficar muito amigo de um deles. Mesmo assim, em toda a minha convivência com eles, eu jamais ouvira falar que existisse algo chamado... gnomo-contador-de-histórias.

Por isso, perguntei:

— E o que é um gnomo-contador-de-histórias?

Fiquei esperando que ele me olhasse como se eu fosse um ignorante, e que fizesse um ar de comiseração ou impaciência. Mas os gnomos são sempre surpreendentes. Ele é que pareceu encabulado por eu não saber.

— Não diga! Eu nunca lhe expliquei? Que imperdoável distração a minha. Eu devia ter dito a você, desde o início, que eu sou um gnomo-contador-de-histórias! É a minha especialidade!

E ficou ali, ruborizado, esperando que eu aplaudisse.

V

Eu havia me esquecido que alguns tipos de gnomos têm, de fato, uma especialidade. Mas já tinha visto Casca de Bétula fazer tanta coisa, que nunca me preocupei em lhe perguntar se tinha alguma. Já o acompanhara, na Holanda, no meio da neve, vendo-o livrar de armadilhas coelhos e outros animaizinhos. Vi-o curar vacas doentes, e até ajudar uma égua a dar à luz. Muito ágil, uma vez descera ao fundo de um poço, para pegar um balde cuja corda rebentara. Muito hábil carpinteiro, construíra em dois dias, ajudado por outros gnomos, toda a mobília de uma pobre velhinha, que a perdera numa inundação.

Também fizera para mim uma pequena flauta, que nunca aprendi a tocar. Mas ele o fazia maravilhosamente. Por isso, arrisquei:

— Pensei que sua especialidade fosse a música!

— Música? — ele riu, com modéstia. — Nem chego aos pés do meu primo Semente de Bordo. Ele, sim, você precisava ouvir: um autêntico gnomo-criador-de-harmonias. Colaborou muito com o jovem sr. Wolfgang, no início da carreira dele. Como você sabe, depois o sr. Wolfgang continuou sozinho, tornando-se imortal compositor. O primo Pêlo de Gamo, por sua vez, era um magnífico gnomo-arumador-de-notas-musicais, de quem o sr. Ludwig gostava

muito, pedindo-lhe muitos conselhos. Foi de grande ajuda no início de sua carreira!

— Epa! — disse eu, que estudara um pouco de teoria musical na Inglaterra. — Você não vai querer me dizer que esse Wolfgang e esse Ludwig eram...

Ele pareceu não me ouvir. Seu olhar passava por cima do meu ombro, fixando-se em algum ponto por trás de mim. Eu ia perguntar o que havia, quando ele me interrompeu, levando o dedo indicador aos lábios:

— Psssh!

E desapareceu por baixo do travesseiro. No mesmo instante, senti um imperceptível rangido, e voltei-me a tempo de ver a porta se abrir lentamente, e meu pai entrar.

— João Filipe, você ainda está acordado?

Meu pai trazia uma pasta de cartolina, embaixo do braço.

— Meu filho, eu queria lhe mostrar uma coisa, para saber o que você acha! — falou mansinho, e eu senti que sua alma estava em paz outra vez.

Sentou-se na beira da cama, ao meu lado, e soltou o elástico da pasta. Dentro, folhas de papel, na maioria emendadas com fita durex.

— Tive o trabalho de juntar os pedaços, e colar novamente as páginas que rasguei — disse. — E resolvi ler tudo de novo. Não sei por que fiz isso! Mas, afinal, passei a tarde lendo e relendo, entrei pela noite adentro, e cheguei a uma conclusão: isto é ótimo, filho!

Não pude conter um olhar na direção do travesseiro, embora no fundo soubesse que Casca de Bétula não estava mais lá. Meu pai continuou:

— Antes de vir aqui falar com você, disse o mesmo à sua mãe! E ela não entendeu bulufas! Aliás, nem eu! Gostaria de saber como essa maravilha aconteceu! Eu tenho a certeza de que não escrevi, e no entanto sou o autor do melhor show que já vi!

Fiquei olhando para a cara dele, para aquele sorriso meio bobo de quem viu disco voador, e não sabe se acredita ou não. Provoquei:

— Não foi você mesmo que escreveu?

— Não! Isso é, não sei! Só pode ter sido eu, mas não me lembro. Acontece que, no meu estado normal, eu não teria coragem de escrever tanta tolice!

— Se é tolice, como está dizendo que é bom?

Meu pai segurou no meu ombro, e olhou para cima, como tentando encontrar a melhor maneira de me explicar.

— Porque é uma tolice genial. Alguma energia estranha deve ter me inspirado. Ajudou-me a criar uma coisa nova, que eu nunca havia experimentado, diferente de tudo o que fiz até agora. Eu sempre fui muito intelectual, filho. E nisso aqui consegui ser... popular!

Papai estava embriagado de vaidade.

— Eu vim aqui te pedir desculpas daquele escândalo, filho. E te dizer que agora estou muito feliz. Amanhã bem cedo vou levar tudo isso ao Queiroz — o meu amigo produtor —, e tenho a certeza de que ele vai adorar. Obrigado, Filipão!

Beijou-me e saiu, levando a pasta de volta. Acabou não me mostrando nada, e eu fiquei sem dizer o que achava. Casca de Bétula enlouquecia qualquer um.

Já bastante preocupado com a sanidade mental de meu pai, resolvi deitar-me, sem chamar o gnomo novamente.

Ele, no entanto, não poderia passar sem essa.

Mal me estiquei, debaixo do cobertor, com a barriga para cima, ele surgiu lá na cabeceira.

— Entendeu agora por que eu sou um gnomo-contador-de-histórias!?

VI

No dia seguinte, ao café, mamãe comentou o caso:

— Não sei por que seu pai precisou fazer toda aquela cena. A mim, poderia ter contado a verdade!

— Que verdade?

— Que foi ele, desde o início, que escreveu o show daquele jeito! Fingir a raiva, rasgar os papéis... Envergonhar-se de quê, afinal? De tentar facilitar as coisas, de pelo menos uma vez na vida escrever bobagens, mediocridades?

— Papai disse que tinha conseguido ser popular!

— No fundo, foi o que ele sempre quis. Mas você sabe: tem mania de ser intelectual, de imitar aqueles que ele considera grandes

escritores, gente complicada que frequenta bares da moda, que sai em colunas de jornal... No mínimo, gostaria de pertencer à Academia Brasileira de Letras.

— Eu acho que ele queria mesmo era ganhar bem, e nunca perder o emprego.

— Já seria uma grande coisa. Mas a crise de seu pai já acabaria se ele fosse, de fato, famoso! Você quer mais café?

Enquanto mamãe pegava minha xícara, para enchê-la de novo, ele apareceu. Eu o vi montadinho no espaldar da cadeira vazia, à minha frente — o meu bom amigo Casca de Bétula, que me pareceu muito interessado no que minha mãe estava dizendo. Imprevisível como sempre, logo aboletou-se junto ao bule de leite, encostando-se junto ao calorzinho dele. Seu gorro pontudo, vermelho, combinava com o xadrez da toalha, e sua barba branca, com as demais brancuras da louça.

Apesar de estar habituado com essas aparições, exclusivas para mim, eu não conseguia entender como minha mãe não o via. Ela continuou:

— Você leu o show, ou ele leu pra você?

— Não!

— Pois eu li! Fiz questão de ler! E olhe: eu já tinha lido todos os outros trabalhos de seu pai, que achava ótimos, muito interessantes, enredos sensacionais que prendiam a gente do princípio ao fim, mas este... É muito engraçado! Para falar a verdade, nem parece coisa de seu pai!

— Por quê?

— Nesse ele se soltou! Revelou-se uma pessoa mais sensível, mais alegre, mais bem-humorada e de paz com a vida. Capaz de entender seu semelhante. Capaz de distribuir amor. O autor daquele show só pode ser alguém fascinante!

Não pude deixar de perceber o sorriso largo no rosto de Casca de Bétula, o vaidoso.

— E eu, com isso, tive uma outra satisfação! — concluiu minha mãe. — O de rever, depois de muito tempo, o rapaz que eu namorei. Seu pai voltava a ser a pessoa que me dizia coisas bobas, e por isso mesmo maravilhosas. Lendo aquele musical, senti renascer minha paixão pelo autor!

Mal ela disse isso, ouvi um pequeno estrondo. Casca de Bétula tinha caído de cima da mesa.



Apesar de estar habituado com as aparições de Casca de Bétula, não conseguia entender como minha mãe não o via.

— Estou doida para que seu pai volte logo, e conte o que aconteceu — disse ela, já tirando a mesa, e quase pisando no gnomo.
— Ele bem podia telefonar, para nos dizer. Será que deu tudo certo, lá com o produtor?

Na verdade, ainda não tínhamos telefone naquela casa. As chamadas eram feitas para a casa da vizinha, que nos dava os recados. Ficamos, por algum tempo, de orelha em pé à espera, mas papai não ligava mesmo. Muito ansiosos, e para nos distrairmos um pouco, resolvemos mexer na horta.

Que delícia! Mergulhamos a mão na terra como se fôssemos lavradores profissionais, embora mamãe confessasse:

— Eu planto, planto, mas essa horta não rende como eu queria. Não tenho sorte! Será que a terra é ruim, ou sou eu que não sei plantar?

Nesse momento, o telefone tocou na casa ao lado, e nós ouvimos perfeitamente a vizinha atender. Era papai. Corremos os dois, para sabermos das novidades, e ele só disse isso:

— Deu tudo certo! Melhor do que eu esperava! Eu conto quando chegar.

Felizes da vida, voltamos à horta, onde uma desagradável surpresa nos esperava: toda a terra estava revirada, e nosso trabalho, desfeito.

— Algum gato, ou gambá, passou por aqui! — disse mamãe, desconsolada.

Mas eu sabia que aquilo não era coisa nem de gato, nem de gambá. Era uma travessura de Casca de Bétula, que outra vez me devia explicações.

VII

Horta não interessa agora! — disse papai alegíssimo, e mamãe resolveu nem falar mais naquilo. — O Queiroz adorou!

— Então, vai querer o show? Vai produzir?

— Ligou imediatamente para o patrocinador, que ficou doido pra ler e resolver!

— Ah, ainda falta uma opinião?

— Uma só, não! Várias. Faz parte do negócio! Mas, se o Queiroz gostou, por que os outros não vão gostar?

— Disseram quando vão te pagar? — mamãe insistiu.

— Querida, isso não é o mais importante agora!

— Claro que é! A gente não paga o supermercado com elogios ao que você faz! Se ele te encomendou, e você escreveu o show, não tem nada para discutir: tem é de pagar! E quanto é?

— Nem perguntei!

Mamãe quase teve um troço.

— Nem perguntou?!

— Claro, isso não foi o principal na conversa!

E papai, antes que mamãe desse uma bronca, contou o que ele chamava de "o principal da conversa": um convite para escrever uma novela.

— Eu estava lá, o Queiroz entusiasmadíssimo pelo musical, já pensando nos comediantes e cantores que iria escalar para o espetáculo, mandando chamar o melhor cenógrafo, e até figurinista, quando telefonaram da televisão! O Ladislau sumiu!

— Que Ladislau?

— Que Ladislau você conhece? — disse papai, já irritado.

— Não sei! Só se for o Ladislau de...

— É esse!

Ladislau de Souza havia só um. Pelo menos, só um famoso. O mais conhecido autor de novelas do momento. Ladislau (aqui um nome suposto, usado por questões de segurança) costumava escrever uma história atrás da outra, sendo bem pago por isso. Pelo fato de produzir tanto, Ladislau se tornava repetitivo, mas diziam que era isso que o público queria: estar sempre assistindo novelas parecidas. Quanto mais Ladislau enriquecia, mais a imaginação do povo se empobrecia.

Esse problema, no entanto, não parecia preocupar ninguém, e não havia autor que não sonhasse estar no lugar de Ladislau.

— Mas como foi que o Ladislau sumiu?

— Ninguém sabe! Mas estão todos desesperados, lá na televisão, porque ele já tinha começado a nova novela, e agora ficaram sem nenhuma!

— E a novela que ele começou?

— Sumiu com o Ladislau!

— Estranho!

— Estranho nada! Ótimo!

— Como ótimo? Uma pessoa some, e você não tem pena?

— Pena por quê, se me encomendaram uma história?

Deviam estar desesperados mesmo, lá na televisão. Depois de mandarem meu pai embora, de magoarem tanto o coitado, agora lhe encomendavam uma novela? Não entendi logo, mas papai explicou: na pressa em que estavam, queriam receber propostas. Quem tivesse uma boa história para substituir a do Ladislau, que mandasse.

— É claro que eu vou mandar! — disse papai, orgulhoso.

— Mas você não tem nem uma história nova! Todas que apresentou, eles já recusaram! Como tem tanta certeza de que agora vai ser aprovado? — perguntou mamãe, com a mesma cara de desespero que fez quando encontrou a horta destruída.

— Esse o meu drama! — respondeu papai, chateado.

— Não ter certeza de ser aprovado?

— Não ter uma história nova!

Mal papai disse isso, eu comecei a ouvir batidinhas de máquina de escrever, lá em cima no escritório. Só eu percebi, e isso foi como um banho de alívio no meu coração. Meu pai iria ter sua novela!

Mesmo assim, Casca de Bétula não perderia por esperar. Continuava merecendo um bom pito por ter estragado a horta.

VIII

Mas quem disse que recebeu o pito? Na manhã seguinte, de um dia que seria cheio de extraordinárias surpresas, mamãe teve a primeira delas. No quintal.

— Nem acredito! Milagre!

Corri para lá, e vi com os meus olhos: folhas verdes de todos os tipos, brotando na terra, prometendo verduras e legumes daqueles que mamãe tanto queria. Tinham crescido à noite, regadas pela garoazinha fina que molha a serra.

Mamãe ria sozinha, andando de lá para cá, examinando o carreiro de cada espécie, contabilizando e catalogando.

— Tem de tudo! Devem ser aquelas sementes novas, de pacotinho! Bem que recomendaram, mas eu não acreditei!

Pacotinho nada. Obra de Casca de Bétula, que sempre fora mestre no assunto, usando magia e, talvez, as minhocas certas. Eu tinha visto ele fazer igual, lá em Londres, nos canteirinhos de minha tia. Mas onde se espalhava mesmo era na Holanda, onde eu o conheci, saindo de sua casinha debaixo da árvore grande.

Lembrei-me de Fibra de Linho, a encantadora companheirinha dele. Como estaria ela? Saudosa? E Casca de Bétula, o grande malandro, teria se esquecido de sua mulher gnomo holandesa?

Tive minhas dúvidas, quando o vi sentadinho embaixo de um cogumelo junto ao muro, deslumbrado com a alegria de mamãe. No rosto, além do sorriso vaidoso pelo feito realizado, Casca de Bétula trazia outra expressão: a da mais profunda admiração por ela.

Estávamos comemorando, ainda, o "milagre", quando a segunda surpresa do dia aconteceu.

Um barulhão de pratos quebrados veio lá de dentro, ferindo nossos ouvidos habituados ao silêncio das manhãs na serra. E não parou por aí: objetos continuaram a desabar pela casa, em mistura a gargalhadas de papai.

— Que foi? Que foi? — e mamãe correu desesperada até lá, mas, antes que chegasse, meu pai já saía porta afora, descabelado e de pijama, com um pé de chinelo e outro sem, a própria figura da loucura furiosa. Nas mãos, folhas de papel ofício, amassadas, e totalmente em branco.

Ninguém teve coragem de chegar perto. Mamãe perguntou:

— Mas o que foi isso, querido?

— Quebrei a louça da vovó! Não agüentei! — e deu mais um risinho.

— Mas por quê, meu amor? — insistiu mamãe, bem esposa de escritor temperamental.

— E quebrei outras coisas também! Mas de pouco valor!

Ele tinha parado de rir. Como se estivesse muito cansado, sentou-se na beira do caramanchão. Seu olhar perdeu-se na horta, e eu pensei que ele fosse ver Casca de Bétula, que continuava junto ao cogumelo, olhando curioso.

— Estava tudo em branco! — continuou, soltando um suspiro profundo.

— O que estava em branco? — aí fui eu que perguntei.

— Os papéis que eu deixei junto à máquina de escrever, antes de adormecer! Quando acordei, continuavam todos lá, no mesmo lugar, intactos.

Eu e mamãe nos entreolhamos, sem entender absolutamente nada. Mas ele explicou:

— Lembra-se do que aconteceu com o show? Bem, o show eu também achei que não ia saber escrever, e depois encontrei tudo lá, direitinho, uma beleza de show!

— Sei! — apartou mamãe, mas na verdade não sabia nada.

— Vocês não percebem? Eu escrevi o show sem perceber que estava escrevendo, talvez durante um sonho ou coisa parecida. Uma inspiração que me veio num momento especial, provavelmente no meio do sono.

— Você é sonâmbulo, querido? Eu não tinha conhecimento disso!

Olhei para Casca de Bétula, pensando que ele estava morrendo de rir. E estava. Papai continuou:

— Sonâmbulo ou não sonâmbulo, eu não ia deixar de tentar que isso acontecesse outra vez. Estou precisando de uma boa história, para oferecer na televisão. Por isso, resolvi deixar os papéis junto à máquina, e dormir ali ao lado. Quem sabe, de manhã, a história iria estar lá, prontinha?

— E não estava?

Sem responder, papai enterrou a cabeça nos joelhos, e ergueu as folhas-ofício, soltando-as por entre os dedos, até caírem, uma a uma, no chão do quintal.

— Minha grande oportunidade de conseguir um contrato. Voltar à televisão. E eu não tenho uma história. Uma historinha boba, por mais tola que seja. O Ladislau faz aos montes. Por que eu não consigo?

Mamãe sentou-se ao lado dele, carinhosa, afagando-lhe os cabelos. Uma atitude que a gente vê muito no cinema, mas pouco nos casais de hoje.

— Você está estressado, querido. Logo vai melhorar. Não conseguiu hoje, mas amanhã consegue... Eu não acreditava mais na minha horta, e olha só o que aconteceu. Venha ver! — e levantou-se com ele, para mostrar.

Papai não tinha uma história, hein? Pois isso não ia ficar assim. Por que eu tinha trazido da Europa um *gnomo-contador-de-histórias*?

Mas onde se meteu esse Casca de Bétula? Procurei, e ele já não estava mais junto ao cogumelo (aliás, gnomo nenhum fica mais de dez minutos no mesmo lugar).

Ia deixar meu pai e minha mãe se afastarem, para chamá-lo, quando aconteceu a terceira surpresa do dia: Ouvi uma vozinha dizer, de cima do muro do vizinho:

— Garoto!

Não era Casca de Bétula. Era uma menininha.

IX

E era uma menininha linda, da minha idade. Lembrava as mais bonitinhas que eu tinha conhecido na Europa, e ficado amigo delas.

Aquela, nem esperou, e foi dizendo:

— Meu nome é Patrícia! E o seu?

— João Filipe! Com *í*!

— Que foi que seu pai fez? Quebrou as coisas todas?

— Todas, não! Poucas! — respondi, já achando aquela garota um pouco metida.

— Foi por causa do gnomo?

Eu achei que não tinha ouvido aquilo. Por essa eu não esperava. Gnomo? Quando ela falou em *gnomo*, foi como se eu tivesse levado um choque, que me deixou paralisado.

— Se assustou? Por quê? Pensa que eu não sei? — disse ela, com um ar de ironia e superioridade, sentada sobre o muro, e já com as pernas para o lado do nosso quintal. — Ele já esteve aqui em casa!

— Quem esteve em sua casa? — tentei disfarçar.

— Não se faça de inocente! O gnomo! Ele tratou da minha tartaruginha, que andava meio doente, com dor de barriga!

Uma tartaruginha! Uma tartaruginha e uma menininha! Duas coisas irresistíveis para um gnomo dos Países Baixos, onde eu o conheci, naquela tarde em que eu recolhi a lebre ferida no meio da neve. Agora, Casca de Bétula prestara serviços na casa vizinha.

— Os gnomos não podem ver um animal sofrer! Eu já tinha lido isso num livro, e agora aconteceu aqui em casa!

— É! Eles têm pena, mesmo! São amigos de todos os animais! Esse aí, então, cansei de ver socorrendo renas, *hamsters*, pássaros, ratos do campo, até uma raposa. E isso só no mês em que eu conheci ele!

— Ele me contou! — disse ela, orgulhosa. — Sei de toda a história de vocês dois: que você estava na Inglaterra, foi de férias à Holanda, e ele veio com você, na mochila!

— Depois, gostou tanto de mim, que insistiu em vir conhecer o Brasil! — concluí.

— Hum, prosa! — debochou Patrícia. — Ele pode até ter gostado de você! Mas veio mais por curiosidade de ver terras diferentes. O que ele está gostando, mesmo, é da sua mãe!

Essa foi a quarta grande e chocante surpresa em pouco menos de duas horas, e quase não agüentei. Em dois saltos, subi no depósito de lixo, segurei numa ripa que apoiava o varal de roupa, e me pendurei a uma prateleira de vasos que acompanhava parte do muro. Cheguei juntinho da menina, e falei quase grudado ao rosto dela:

— Como é que é?!

— Isso mesmo que você ouviu! Casca de Bétula está apaixonado por sua mãe!

— Tá brincando!

— Estou não! O que você acha dessa horta, que ele fez pra ela, durante a noite?

— Os gnomos gostam de ajudar!

— Pode ser! Mas Casca de Bétula me confessou que acha sua mãe uma mulher maravilhosa! O que é isso, senão paixão?

— Ora, você anda vendo muita novela!

— Falar nisso, seu pai é mesmo escritor de novela?

— Não muda de assunto! — exigi.

— O que você quer que eu diga mais? Seu gnomo me contou o que eu já disse, e ponto final!

— Ele não pode estar falando sério. Lá na Holanda, ele tem uma companheira, do tamanho dele, esperando por ele, chamada Fibra de Linho! Os gnomos não enganam as mulheres deles!

— E quem falou em enganar? Você não entende nada de amor! Se Casca de Bétula se apaixonou por sua mãe, apaixonou e pronto. Não quer dizer que vá passar disso. Não ouviu falar em amor platônico?

Ai, essas garotas espevitadas do meu tempo! Mamãe sempre contou que, no tempo dela, as meninas eram de um jeito muito diferente, mais calminhas e até bobas. Nem sabiam o que era namoro. Será que era assim mesmo?

— Tá bom! Não ouvi! O que é? — disse eu, mas só para ver se ela sabia.

— É gostar sem esperar que o outro goste também, porque sabe que não pode! Mas não é proibido gostar, é?

— Isso é coisa de sua cabeça! Não acredito em nada disso!

— Claro, meninas é que são românticas. Garotos só querem é saber de *vídeo-game*! Senão, você já teria percebido os olhares de Casca de Bétula, quando sua mãe aparece. Tudo começou quando ela elogiou não sei o quê, que ele escreveu!

Protestei:

— Epa! Mas ela elogiou foi meu pai. Não sabia que Casca de Bétula é que tinha escrito aquilo!

E contei, em rápidas palavras, toda a aventura do *gnomo-escriptor-fantasma*.

— Mas agora eu preciso dar uma dura nele, porque, já que ele começou, tem de terminar. Não pode deixar meu pai sem a história de que ele precisa! — terminei, no exato momento em que uma voz de mulher, lá na casa de Patrícia, chamava por ela.

— Minha mãe! Depois a gente conversa! Tchau! — disse Patrícia, descendo do muro, e desaparecendo por trás dele.

Antes que eu pudesse chamar de novo por ela, senti que me puxavam pela bainha da calça jeans. Olhei, e vi Casca de Bétula, mais vermelhinho que nunca, a meus pés.

— Você não vai acreditar numa palavra do que ela disse, vai?

X

Casca de Bétula tinha ficado encabuladíssimo com aquilo tudo. Os gnomos são muito cerimoniosos, e, apesar de travessos, educados. Pilhado num segredo tão íntimo e inconfessável, não sabia

como se desculpar, especialmente perante a mim, o filho da pessoa que ele tanto admirava. Sem contar com o fato de eu ser um de seus maiores amigos. Diante daquilo, tive a certeza de que tudo o que Patrícia me contara era a pura verdade.

— Não nego que acho a senhora sua mãe uma mulher admirável, correta, cumpridora de seus deveres, e — acima de tudo — ... muito bonita! — disse, todo enrolado, acrescentando: — Aliás, tem as mesmas qualidades da minha adorada Fibra de Linho, com quem sou casado há quase duzentos anos! Mas, você sabe... bem... quero dizer... Sua mãe é a primeira dona-de-casa brasileira que conheci, e... e...

— ... e te elogiou, não foi? — completei.

Dei, então, pela coisa. Eu sempre ouvira dizer que os gnomos da Holanda são muito vaidosos, e não resistem a um elogio. Ficam escravos! Aliás, eu me lembrei: eu sempre ficara muito empolgado com as habilidades de Casca de Bétula, quando nos conhecemos, e não me cansava de aplaudi-lo, o que o deixava cheio de orgulho.

Talvez fosse esse o principal motivo de ele não ter me largado mais, e ter feito questão de me acompanhar naquela viagem internacional, a um país tão estranho, e além de tudo tropical. E eu era apenas um garoto, enquanto mamãe... Estava explicado! A graciosidade, as gentilezas e os encantos dela o haviam seduzido.

Mas quais seriam as conseqüências?

Casca de Bétula, como de costume, pareceu adivinhar meus pensamentos:

— Nem precisa se preocupar. Os gnomos são muito respeitadores, e conhecem o seu lugar. Sou como um admirador de pintura, em visita ao Museu do Louvre, em Paris: os quadros vão continuar lá.

Procurei ir direto ao ponto, para pegá-lo de surpresa:

— Muito bem! E a história de papai?

Peguei-o. Nessa, ele se distraíra.

— Hein?

— Você não vai deixar de escrever, vai? Bem sabe que ele está precisando. Por que não fez isso ontem à noite, como ele esperava?

— Bem... não fiz ontem à noite porque... porque...

— Porque estava ocupado, fazendo a horta de mamãe, não foi?

É muito divertida a cara de um gnomo, quando ele não tem resposta. E, não tendo, teve de reconhecer:

— É! Mas pode deixar, que hoje à noite eu escrevo! — prometeu.

Não dei tréguas:

— À noite, não. Já!

— Mas...

— Pra cuidar de tartarugas no vizinho, você tem tempo, não tem?

Em vez de me responder, Casca de Bétula sumiu. Mesmo porque mamãe e papai tinham voltado da horta, ela consolando ele, dando esperanças de que, mais hoje, mais amanhã, ele iria conseguir sua história.

XI

E conseguiu. Não que ele próprio, sentado à máquina o dia inteirinho, gastando montes de papel, tivesse conseguido alguma coisa satisfatória. Só parou para comer um mingau de chocolate, com torradas, no que só perdeu meia hora. Mas quando voltou ao escritório, já encontrou uma pilhazinha arrumada de folhas datilografadas, e até numeradas, contendo o resumo da nova novela de que papai precisava.

Na verdade, eu e mamãe só soubemos disso no dia seguinte.

Nós dois fomos dormir, depois do último filme na televisão, ela muito preocupada, e eu na expectativa. Casca de Bétula iria me atender? Afinal, ele não tinha nenhuma obrigação de ajudar ninguém. Os gnomos são muito independentes. Eu já me arrependia de ter sido tão enérgico com ele, prevalecendo-me do fato de ele me dever a viagem ao Brasil. Ora, pensei, se Casca de Bétula viera na minha mochila, bem poderia ter vindo na mochila de qualquer outro. Ele não me devia nada. Nossa amizade existia fora de quaisquer condições.

Papai não apareceu mais, e eu dormira sonhando com gnomos. No sonho, revi cenas que eu tinha vivido, no meio da neve: o dia em que encontrei Casca de Bétula pela primeira vez, a simpatia que logo nos uniu quando começamos a ajudar animais em perigo, a aproximação dos outros pequenos seres mágicos seus companheiros, e até a grande festa que eles deram em minha homenagem, em plena

floresta, na véspera da minha volta à Inglaterra. Foi nesse dia que Casca de Bétula resolveu me acompanhar, e conhecer novos lugares.

Só o sonho dessa noite não foi o suficiente para lembrar de todos os momentos que passamos em Londres. Já acordei ouvindo o chamado de mamãe, lá embaixo. Nem era chamado: era um grito de felicidade.

— Não é possível! Não acredito! Gente, acorda! Venham ver!

Estava entusiasmadíssima, e tinha de estar mesmo. A horta estava agora o dobro do tamanho. O dobro, não. O triplo. Tinha até cara de floresta, uma selva de verduras e legumes, tomando todo o quintal. Não ficava nem um carreiro, para as pessoas passarem. O gnomo tinha exagerado, tentando agradar mamãe. Mas, e papai?

Só então nos lembramos dele, que até agora não aparecera. Corremos para o escritório, e abrimos a porta devagarinho, já meio aflitos. Felizmente, estava só encostada.

Lá dentro, no maior silêncio, papai estava caído de frente, estirado sobre o tapete. À sua volta, espalhadas, folhas e folhas de papel. Um assassinato? Parecia, mas papai era dramático assim mesmo. Tudo aquilo era sua maneira de demonstrar cansaço, ou perturbação com alguma coisa formidável que lhe acontecera. Ou as duas coisas.

— Querido! — mamãe chamou.

Uma espécie de rugido, ou mugido, foi a resposta. Ele nem ao menos estava dormindo.

— Por que você dormiu no chão, meu amor? — ela perguntou. Ainda sem se levantar, ele apenas respondeu:

— Os gênios dormem em qualquer lugar. As camas são para os simples mortais!

Pela resposta, já adivinhamos que o milagre tinha acontecido. Ele já tinha a sua história.

E tinha mesmo. Como eu contei há pouco, depois do mingau papai voltara ao escritório, e encontrara a novela pronta. Não a novela inteira, lógico, mas o enredo, com princípio, meio e fim.

— Ué, como eu deixei isso aí?

Muito intrigado com o que acreditava ser uma alucinação, pegou os papéis e os leu, sem parar para descansar. Achou tudo ótimo, e pensou:



Papai estava caído de frente, estirado no tapete. À sua volta, espalhadas, folhas e folhas de papel. Um assassinato?

— Coisa assim só pode ser minha, mesmo. Como foi que escrevi tudo isso, e não me lembro?

Leu tudo de novo, com cuidado, analisando os personagens e as situações, e concluiu:

— Não tem erro! É meu estilo, a minha cara! E é perfeito!

Não viu a noite passar, e foi lendo e relendo o trabalho, tentando fazer alterações aqui e ali, mas não conseguiu. A narrativa estava totalmente "amarrada", como dizem os autores. Não foi necessário mexer numa vírgula.

Papai então ajoelhou-se e rezou, agradecendo a Deus por lhe ter dado tanta inspiração.

Depois, no ponto onde estava, tombou para a frente e ficou, até que nós o encontrássemos.

— Eu quero ler! Eu quero ler! — disse mamãe, já orgulhosa.

— E eu também! — fiz coro com ela, mas orgulhoso por outro motivo.

Enquanto líamos, juntos, papai desceu correndo atrás de um telefone.

— Onde é que eu acho um telefone? Preciso ligar pra eles!

— Na vizinha! — mamãe gritou, sem levantar os olhos das páginas.

E lá foi ele, sem cerimônias, bater na casa da Patrícia, pedir licença e ligar para a televisão. O tempo que ele levou foi o mesmo que demoramos para ler a história de um jato só.

Quando ele voltou, tínhamos terminado, e estávamos sem fala.

— E então? Gostaram? Mamãe tinha lágrimas nos olhos.

— Querido, é linda!

Sem dizer mais nada, ela levantou-se e foi abraçá-lo, pendurando-se no pescoço dele, de um jeito que só ela sabia fazer. Casca de Bétula espiava por trás do relógio. Não gostei daquele olhar. Seria aquilo ciúmes?

XII

Cheia de intimidades, Patrícia veio atrás de meu pai, depois que ele voltou da casa dela, e foi entrando. Trazia um par de patins na mão.

— Quer ir patinar?

Papai e mamãe estavam muito ocupados, no quarto, enquanto ele se arrumava para ir novamente ao Rio, mostrar a história aos sujeitos lá da televisão. Eu, a garota e os patins ficamos na varanda.

— Ouvi a conversa toda do seu pai, no telefone! — disse Patrícia, já sentada, sem cerimônia, na rede do Piauí. — Foi ele mesmo que escreveu?

Olhei espantado para Patrícia, sem responder. E ela falou por mim:

— Claro que não!

Aí, me ofendi.

— Por que não? Ele é um grande escritor!

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Mas essa história ele não fez. Foi o Casca de Bétula!

Quase morri de raiva, e achei Patrícia com cara de bruxa. Mas bruxa bonita, como a Fada Morgana. Apesar daquilo, eu sentia que nunca iria deixar de ser amigo dela. Por isso, não reagi, e concordei:

— Também acho!

Vitoriosa, Patrícia ficou alguns segundos em silêncio, e então disse, levantando-se da rede:

— Agora que está tudo bem, vamos patinar?

Irritei-me.

— Patinar? Tá maluca? Primeiro eu quero ver como tudo se resolve! Além do mais, eu não tenho patins!

Antes que Patrícia dissesse mais alguma coisa, papai e mamãe vieram saindo, apressados, ele ainda fechando a pasta, mamãe consertando a gola dele, enquanto corriam para a garagem.

— Pegou tudo? Está tudo aí? Não falta nada? Confere!

— Já conferi!

— Não entrega, sem antes tirar uma xerox!

— Tá bom! Tá bom!

— Melhor seria registrar antes! Sabe como é essa gente!

— Não dá tempo!

— Então não deixa com eles!

— Se eu não deixar, não aceitam!

Eu já ouvira esse papo uma centena de vezes, desde que eu era pequeno, antes de ir à Europa. A conversa só terminou quando o carro arrancou, de ré, e tomou posição na rua, entre adeuses dele, beijinhos dela, e após mil votos de que iria dar tudo certo, se Deus quisesse.

Mamãe voltou dando mil suspiros de esperança, e passou por nós sem nos ver, falando sozinha:

— Eles vão gostar! Têm que gostar! A história é ótima! Cheia de "ganchos"! Uma beleza!

Patrícia pareceu não dar importância a nada daquilo, que para mim era o máximo. E insistiu:

— Eu ando com um pé, você com o outro!

— O quê?

— Os patins! Cada um usa um pé! Vamos!

Fomos, mas eu fui sem muita vontade de ir. Estava querendo falar umas coisas com Casca de Bétula.

Eram uns dois quilômetros até o rinque público de patinação, e o dia estava lindo. Se não fosse minha preocupação com papai, eu teria aproveitado mais a companhia de Patrícia, enquanto caminhávamos. Mas ela era uma garota tão divertida, que quando começamos a patinar eu me senti feliz de novo, e não pensei em outra coisa na vida.

Só na hora do sorvete, e foi ela quem lembrou:

— Como é a história?

— Hein?

Se ela não tocasse no assunto, eu ia até me esquecer.

— Não posso contar!

— Por quê? Não confia em mim?

Lógico que confiava. E contei.

— Gosto! — disse ela, no fim. — Nem parece história de gnomo!

— E você acha que eles iam querer história de gnomo na televisão? Como é história de gnomo?

— Bem, história de gnomo tinha que ter trenó, não tinha? Pelo menos um!

— Não sei por quê! Eu estive na Holanda, conheci gnomos, e não vi nenhum trenó!

— Ah, eu ia adorar uma novela cheia de trenós! — disse ela, dando o assunto por encerrado.

Conversamos, então, tantas outras coisas, que até esquecemos Casca de Bétula e a novela do papai. Quando voltamos para casa, já estava bem tarde para o almoço, e eu vinha morrendo de fome. Despedimo-nos em frente ao portão dela.

— Tchau, Patrícia! Não vá contar pra ninguém a história do meu pai!

— Tá legal! E você não se esqueça que a história é do Casca de Bétula!

Como é que eu iria esquecer uma coisa dessas? Tinha era de agradecer a ele.

Entrei correndo, pelos fundos, e fui direto à cozinha. Papai já teria dado notícias?

Mas mamãe não estava na cozinha.

— Mamãe!

Ela não respondeu, e eu fui procurá-la na sala, seguindo um cheiro forte.

Lá estava mamãe, sentada no sofá, com cara de espanto. O cheiro forte era por causa das flores. Não algumas, mas muitas. Deviam dar uns cinquenta buquês. Flores de todos os tipos e cores, amontoadas em cima de todos os móveis, exalando um aroma fortíssimo.

E minha mãe não parava de olhar para elas, sem entender nada.

XIII

— Mamãe, de onde vieram todas essas flores?

Perguntei só por perguntar, já quase tendo certeza da resposta.

— É o que eu queria muito saber! — ela respondeu. — Encontrei isso aí, logo depois que todos vocês saíram!

Bem, isso excluía papai, que não teria tido tempo, nem motivos ainda para um gesto romântico desses. Ele teria, talvez, feito algo assim, caso conseguisse o contrato. Portanto, Casca de Bétula era o principal suspeito.

Mamãe, porém, não sabia disso.

— Quem teria mandado essas flores, quem? E sem cartão. Foi alguém muito audacioso, para ir invadindo a casa, sem ninguém ver!

— Não se assuste, não, mamãe! Pode ter sido engano!

— Engano?! Flores tão bem arrumadinhas, em todos os móveis? E que brega, cruze! Pensa que minha casa é capela funerária? Aqui não morreu ninguém!

Foi ela dizer isso, e as vidraças da janela se abriram de repente, com violência, deixando entrar uma forte lufada de ar, que derrubou bibelôs, e despetalou todas as flores, espalhando-as.

— Fecha isso aí! Que vento maluco é esse? — gritou mamãe.

Só eu entendi: era um acesso de fúria, em alguém muito apaixonado, cuja declaração de amor desprezaram. Aprendi mais essa. De um gnomo enamorado, ninguém faz pouco.

Levei horas para fazê-lo voltar às boas.

Primeiro, foi um rolo para conseguir encontrá-lo.

Não fosse Patrícia servir de intermediária, talvez eu nunca mais visse meu amigo gnomo. Foi ela quem me chamou, por cima do muro, para informar que Casca de Bétula estava lá no quintal, magoadíssimo, ressentidíssimo, sem querer contar por quê.

— Vai ver, você nem agradeceu a novela!

— Que novela! — protestei, e contei a verdade.

— Ai, coitado! Sua mãe foi muito grossa com ele! Essas mulheres!

— Grossa, coisa nenhuma! Ela nem sabe que Casca de Bétula existe! E essa história de flores foi muito assanhamento dele, você não acha?

Patrícia não soube o que responder. Preferiu dizer:

— Se fosse comigo, eu ia adorar as flores. Mas como sua mãe é uma senhora casada...

Resolvemos os dois ter uma conversa com Casca de Bétula. Ele até entendia o resto, mas só não perdoava ela ter dito aquele negócio de *capela funerária*. Era fazer muito pouco da gentileza dele. Expliquei que, aqui no Brasil, algumas mulheres gostam dessas ironias, embora sejam também românticas quando gostam do galanteador. Mas só quando gostam. Não era o caso, era?

Eu estava detestando aquele clima de consultório sentimental, para o qual eu não levava o menor jeito. Mas tinha de me preocupar com os negócios de papai. E se fosse necessário Casca de Bétula continuar colaborando?

Essa nossa conversa ainda continuava na casa de Patrícia, quando papai chegou.

Mal o viu no portão, mamãe já foi gritando:

— João Filipe! Seu pai está aqui!

Corri para ver, esquecendo Patrícia e o gnomo.

Papai já vinha com cara de poucos amigos.

— Como foi?

— O Ladislau voltou!

Foi água fria na fervura. Pior do que se ele tivesse dito que lá na televisão não gostaram da história. Mas ele nem tinha tido essa chance. Ladislau de Souza estava de volta, para escrever a novela. Foi só. Chega. Fica para uma outra oportunidade.

— Nem leram?

— Não!

— E você não insistiu?

— Insistir pra quê? O Ladislau já tem um nome!

— E você tem uma história!

— O Ladislau também, esqueceu?

— Mas quem sabe a sua é melhor?

— Não querem nem saber! Só querem jogar na certa!

Achei papai mais velho uns cem anos, enquanto falava aquelas coisas, mecanicamente, repetindo argumentos que a gente já estava cansado de ouvir.

— Pelo menos eu vou cuidar do meu show. Se o Queiroz fechar o negócio, lógico! — disse papai, lavando o rosto.

— Se, se, se... sempre se! — disse mamãe, botando a mesa. — E o show é uma bobagem, não é como aquela história linda, digna, criativa, original. Merece mesmo uma novela!

— Além de pagar melhor! — acrescentou papai. — Pelo jeito, por enquanto, vamos viver mesmo é da sua horta gigante!

Jantamos em silêncio. Cada um de nós, no entanto, estava remoendo o problema. Eu gostaria que Casca de Bétula estivesse sabendo daquilo. Que "autor" era ele, que nem se preocupava com o destino de sua história? Aí está no que dá uma paixão — pensei. Se o gnomo não se encantasse com mamãe, cuidaria melhor da novela de papai. Eu estava uma fera com aquele cabeça de mula!

XIV

Papai, naquela noite, nem pensou em ir ao escritório. Eu sim. Não sei o que me deu na veneta, eu que nunca fazia isso, fui dar uma olhada por lá. Foi bater e valer: encontrei Casca de Bétula sentado no teclado da máquina de escrever, de costas para a porta, com a luz do abajur acesa.

Achei estranho ele nem se mexer, quando eu entrei. Onde estava o seu sexto sentido?

— O que você está fazendo aí? — perguntei. — Não sabe o que aconteceu?

Casca de Bétula nem me deu confiança. Apenas disse:

— Por que ela chamou meu show de bobagem? Antes, elogiou!

Tive vontade de lhe dar um peteleco, juro. Mas resisti.

— Ah, então você estava lá ouvindo, seu danado? Em vez de se preocupar com o que mamãe diz, por que não toma uma providência? É o seu talento que está em jogo!

Achei bonito: é o seu talento que está em jogo. Como reagiria o gnomo? Aquilo mexeria em seus brios, em sua vaidade?

Casca de Bétula bateu alguma coisa nas teclas, sapateando sobre elas, com a maior agilidade.

Cheguei perto para ler, e estava escrito no papel: PRECISO VER ESSE LADISLAU.

Ver o Ladislau? O mais famoso autor de novelas? Para quê?

Rapidamente, Casca de Bétula descera da máquina para o chão.

— Ei! Volte aqui! O que você quer dizer com isso?

Deslizando de um canto para outro, o gnomo parecia exercitar-se para alguma coisa muito importante.

— Não faça perguntas! Comece logo a agir! — disse ele.

— Agir como?

— Seu pai precisa voltar àquela televisão!

— Ah, sim! E você acha fácil eu convencê-lo disso!

— O problema é seu! O resto, deixe comigo!

— Que resto? O que você pretende fazer?

— Quando eu chegar lá, verei!

— O quê?! Você vai com ele? — gritei, espantado.

— Seu pai carrega sempre aquela pasta, não carrega?

— Você vai dentro da...

Casca de Bétula já não estava mais à vista. Desaparecera pela fresta de uma das tábuas corridas do assoalho. E agora?

Sem saber ainda o que fazer, procurei papai e mamãe, mas os dois já estavam fechados no quarto deles. Encostando o ouvido na porta, percebi que ainda não estavam dormindo, porque conversavam em voz alta. O assunto não podia ser outro: a grande decepção do dia. Ela insistia para ele tornar a tentar. Ele dizia que não ia adiantar, que perdera aquela chance, que não gostava de bancar o chato, que ainda por cima era muito orgulhoso.

— E se eles te chamarem outra vez? — ouvi mamãe falar.

— Duvido! — ele respondeu. — Já têm o Ladislau! E você sabe o que eu vou fazer?

— O quê?

— Rasgar a minha novela!

— Não!

Felizmente percebi a tempo, e afastei-me correndo. Papai saiu num rompante, com mamãe atrás dele, e foi ao escritório.

Não sei se ele teria mesmo rasgado a novela, mas o fato é que não a encontrou em lugar nenhum.

Esperto, esse Casca de Bétula!

Desistindo de procurar, e atendendo aos apelos de mamãe, papai afinal se acalmou, e sentou-se abatido, não sem antes soltar uma frase dramática:

— Minha novela não serve nem para eu jogar fora! Quando a procuro, não a encontro!

Mamãe teve uma suspeita.

— Você não deixou lá com eles, deixou?

Como ele não respondesse, ela perguntou outra vez, já bastante preocupada:

— Amor, você esqueceu a novela com eles?

A essa altura, papai estava também um pouco assustado.

— Sabe que eu não sei?

Ela teve uma esperança.

— E a cópia? E a xerox?

— Que xerox? Pensa que eu me lembrei?

Desespero total. Por saberem que estavam lidando com pessoas nem sempre confiáveis, papai e mamãe temiam agora coisa muito pior do que a novela ser recusada: ela ser plagiada!

Assisti ao primeiro ato da tragédia, ali, bem de perto. Quando eles saíram do escritório, caí de quatro no chão, à procura do gnomo. Eu precisava ter certeza.

— Foi você, Casca de Bétula? Você que escondeu? Apareça, Casca!

Mas o gnomo nem deu bola. Continuou sumido.

XV

A primeira coisa que fiz, no dia seguinte, foi correr ao muro de Patrícia, e chamar por ela. Conteí tudo que acontecera, e terminei perguntando:

— Você acha que foi ele que escondeu a novela?

Patrícia era muito prática.

— Pode ser! Seria uma boa maneira de obrigar seu pai a voltar à televisão!

— E ele vai voltar mesmo. Já está lá se arrumando! Está morrendo de medo do plágio!

— Que que é plágio?

— É pegarem a história dele, usarem, e dizerem que é de outro!

— Feito um roubo?

— Feito, não. É um roubo! Tem pessoas que fazem isso com uma história inteirinha, que não é delas. Copiam toda! Outras, disfarçam, pegam só um pedaço. Ou a idéia!

— Ah, sei. Como fazem também com música?

— Isso! Papai vai voltar à televisão, correndo, para ver se apanha a novela dele de volta, para não plagiarem!

— Só que vai perder tempo, coitado. Foi Casca de Bétula que escondeu!

— NÃO FUI EU NÃO! — disse uma vizinha.

Olhamos para ver quem tinha falado aquilo, e demos com o gnomo sentado num vaso de plantas, ali juntinho.

— Casca de Bétula!

— Não foi você que escondeu a novela do pai dele?

— Então...

— Então aquele cabeça de vento esqueceu mesmo a nossa história em algum canto, lá na televisão — disse o gnomo.

E acrescentou:

— Sua mãe bem merecia um marido mais responsável!

Irritei-me.

— Você não tem o direito de falar assim, Casca de Bétula!

— Tenho o direito de dizer o que penso! Mas me perdoe se isso o magoa!

— Está perdoado! Desde que continue ajudando meu pai!

— Tudo bem! Onde está a tal pasta dele?

— Em algum lugar, lá dentro da casa! Quer que eu leve você até lá?

— Não precisa! Eu encontro, e vou dentro dela!

— O que você pretende fazer, Casca de Bétula? — perguntou Patrícia.

Talvez a mim ele não respondesse. Mas o gnomo tinha um fraco por meninas.

— Preciso muito ver de perto esse Ladislau!

— É um autor famoso!

— Isso não quer dizer nada! Já conheci outros! Fama e talento nem sempre andam juntos!

— Ele faz muito sucesso! — eu disse.

— Sucesso também. Nem sempre a qualidade do que se faz é que conduz até ele. O pai de João Filipe é um exemplo disso. Trabalha muito, é criativo, tem talento... mas não é famoso, nem conseguiu sucesso.

Comovi-me com essas palavras do meu pequeno amigo. Afinal, aquilo soava como uma grande homenagem, de um gnomo-contador-de-histórias, a um escritor cabeça-de-vento. Sem fazer nenhum comentário a isso, eu disse:

— Então não preciso fazer mais nada pro papai ir à televisão?

— Se precisasse, eu ia na Telefônica, ligava pra cá, e fingia que era uma secretária lá da televisão — palpitou Patrícia. — Dizia que estavam chamando de volta o pai do João Filipe!

— E sua voz?

— O que tem minha voz?

— Ia ter de disfarçar bastante! É voz de garota. Não ia enganar ninguém!

— Você é que pensa! Eu levo jeito de atriz!

Enquanto eu e Patrícia discutíamos, inutilmente, coisas já resolvidas, o gnomo desaparecia.

Mamãe me chamou lá da cozinha:

— João Filipe! Venha se vestir! Você vai com seu pai ao Rio!

Com essa, ninguém contava.

A idéia era aproveitar a descida de Petrópolis, para eu ir visitar minha avó. Papai me deixaria lá, no caminho para a televisão, e me pegaria na volta.

Só que o tempo não deu. O tráfego engarrafado na Avenida Brasil atrasou a viagem, e lá fomos eu, papai e a pasta (com Casca de Bétula dentro), direto para a emissora.

— Aqueles caras vão pensar que eu quero apelar para o sentimento deles! — comentou papai.

XVI

Papai sempre detestou meter a família em seu local de trabalho. Por isso, não gostaria que achassem que estava usando o filho, um garoto de doze anos, para atrair simpatias. Assim, ao chegar à televisão, quis que eu ficasse esperando por ele no estacionamento, dentro do carro. Mas eu protestei:

— Essa não, pai! Quero ver como é por dentro!

Ele resmungou um pouco, mas acabou me levando com ele. Eu bem teria preferido fazer uma visitinha aos estúdios, mas, da portaria, subimos ao andar onde funcionava o Departamento de Novelas.

Na sala de espera do manda-chuva, papai foi falar com a secretária. Perguntou se tinham encontrado os originais da história dele, e se poderiam devolver.

— Deixou aqui?

Papai disse que achava que sim, que deviam estar com o diretor, e ela foi verificar.

Enquanto isso, ficamos esperando, sentados naquelas poltronas confortáveis. Até que foi divertido, pois a toda hora passavam artistas conhecidos. Uns falavam com papai, outros não. Houve alguns, até, que se interessaram por mim.

— É seu filho, o garotão? Por que não trabalha em novela?

Achei graça, e me lembrei de Casca de Bétula. Teria ouvido aquilo? Como estaria ele, dentro da pasta de papai?

A secretária voltou, e disse a papai que o diretor não sabia dos originais, mas que, se ele quisesse, podia entrar.

Entrar?! Papai foi apanhado de surpresa. Nunca tinha tido uma sorte dessas, de ser recebido tão facilmente. Eu sabia: só podia ser algo mágico, influência de meu amigo Casca de Bétula.

A sorte foi ainda maior, lá dentro. O gabinete do diretor tinha cara de festa, e papai foi acolhido com muitos abraços, sorrisos e apertos de mão. Os homens que estavam ali tinham todos cara de ricos e satisfeitos, alegres com a vida, dizendo piadas uns para os outros.

Só papai continuou sério, talvez para não dar confiança.

— Não quero atrapalhar a reunião de vocês! Só vim buscar meus originais. Acho que esqueci aqui, ontem.

— Seus originais? Que originais? — disse um rapaz, muito jovem, que estava de pé num canto, abrindo e fechando caixas de fitas de vídeo.

— Da minha história, lembram-se? A minha proposta para a novela!

Aí já foi um sujeito mais velho, com uma enorme camisa branca, quem falou. Ele estava sentado por trás da mesa principal, bem no centro de tudo, e por isso eu vi logo que só podia ser o diretor.

— A história dele, claro! Mande pra você, Ladislau! Todos olharam para onde o diretor olhara, e eu afinal fiquei conhecendo o famoso Ladislau.

— Sim, mandou!

— E aí? Leu? — perguntou o diretor, impaciente.

Ladislau não respondeu logo. Passou a palma da mão aberta, do alto da testa até o queixo, fazendo suspense. Todos ficaram esperando o que ele iria dizer, principalmente papai, que até agora continuava de pé, segurando a pasta.

— Você tem razão! — disse Ladislau ao diretor. — A história é boa!

— Estão vendo? Eu não disse? — falou o diretor, sorrindo, olhando os outros. — Eu também gostei muito!

— Só que falta alguma coisa! — continuou Ladislau.

O sorriso do diretor desapareceu. Papai tremeu nas bases, e eu achei que ele ia desmaiar.

O diretor também pareceu desconfiar disso, porque mandou papai se sentar.

— E descanse essa pasta no chão. O que tem aí dentro? Dólares? Relaxe, cara! O Ladislau vai agora explicar direitinho qual o problema da sua história.

Esse apoio inesperado pareceu dar novas forças a meu pai, que disse, com a voz emocionada:

— Vocês querem fazer o favor de me dizer o que está acontecendo? Ontem, minha história foi recusada porque o Ladislau

estava de volta. Eu entendi muito bem, pois desde o começo vocês iam gravar a novela dele. Por que essa, agora, de voltarem a se interessar pela minha história?

O diretor segurou o joelho de meu pai, com a maior cordialidade.

— Porque o nosso Ladislau perdeu a novela dele!

Ladislau praticamente pulou da cadeira, perdendo a calma.

— Eu não perdi a novela!

— Perdeu, sim! Se não perdeu, onde estão os trinta capítulos que já tinha escrito?

— Até amanhã eu prometo que vou encontrá-los!

— E se não encontrar, Ladislau? Não podemos mais esperar!

— Puxa, será que eu não mereço essa consideração? — disse Ladislau, fingindo-se magoado.

— Merecia até ontem. Mas você anda muito estranho. Primeiro, desaparece. Depois volta, e não traz os capítulos! Não sei o que está acontecendo, mas temos de procurar outra história.

— Você está me demitindo? — perguntou Ladislau, com a arrogância de quem se acha bem protegido.

Todos, àquela altura, tinham parado de conversar, e observavam o drama. O diretor tentou apaziguar Ladislau. Abraçando-o pelo ombro, falou:

— Não se trata disso, meu querido. Você ainda é o grande autor desta emissora. Por isso, proponho que você pegue essa história aí do nosso amigo, e a escreva você mesmo!

Só ouvi o trambolhão. Papai, com muita raiva, rodara a pasta (que não largara), batendo com ela, com toda força, na barriga do diretor. O homem caiu para trás, na cadeira, com cara de espanto.

E bateu uma segunda vez.

Defendendo-se, o diretor segurou a pasta, arrancando-a de papai, a quem os outros já agarravam.

Esbravejando, muito vermelho, papai gritava:

— Devolvam minha história, patifes! Estão pensando que eu sou o quê, sem-vergonhas? Naquilo que eu faço, vagabundo nenhum bota a mão!



Papai, com muita raiva, rodara a pasta, batendo com ela, com toda força, na barriga do diretor.

Corri para papai, misturando-me ao bolo de pessoas, e abracei as pernas dele. Se dependesse de mim, ninguém botaria a mão em papai, também.

Logo estávamos, os dois, fora da sala do diretor, cheios de decepção, ressentimento e escândalo.

Mas a pasta de papai ficou lá dentro.

Com gnomo e tudo.

XVII

A senhora pode pegar minha pasta? — pediu papai à secretária.

Ela agora já não estava tão simpática:

— Sua pasta? Que pasta?

Papai encheu-se de paciência.

— A pasta que entrou comigo!

— Ah, a que o senhor usou como arma?

Era inacreditável!

— Arma, minha senhora?

Secretárias como aquela detestam ser chamadas de senhora. Talvez por isso, ela ainda colocou maiores dificuldades.

— Agora vai ter que esperar o fim da reunião! Não vou interromper o diretor, que ele não vai gostar!

— E eu vou ficar sem minha pasta?

— Deixe seu endereço, que nós depois mandamos lhe entregar. Se o diretor autorizar, naturalmente!

— E não autorizaria por quê?

A discussão teria continuado, se pessoas amigas de meu pai não o viessem acalmar, garantindo que tudo iria se resolver da melhor maneira.

Papai se sentiu, aos poucos, mais conformado, mas para mim o problema havia só começado. O que aconteceria com Casca de Bétula?

— Beba um copo de água! Quer um cafezinho? Leve o garoto ao bar!

Antes que meu pai decidisse alguma coisa, a porta do diretor se abriu novamente, e surgiu Ladislau. Veio direto a papai.

— Você, por favor, me desculpe! Eu não tive nada a ver com aquilo! Ele está maluco se pensa que eu iria usar o seu trabalho!

Papai procurou ser gentil:

— Você nem precisa disso!

— Claro! Apesar de que sua história é ótima!

— Você disse que faltava alguma coisa! — atacou papai, implacável (ele é daqueles que nunca perdoam uma crítica).

Ladislau tornou a passar a mão ao longo do rosto, pensando primeiro o que responder. Preferiu fazer um convite:

— Você almoça comigo?

— Primeiro quero minha pasta!

Pede daqui, interfona dali, entra secretária, sai secretária, e afinal a pasta chegou de volta às mãos de papai. Fomos então, os três, para o restaurante. Os quatro, contando com Casca de Bétula, dentro da pasta.

Estaria mesmo lá? — pensei, olhando a pasta, com uma vontade doida de abri-la e dar uma espiada. Como o gnomo teria resistido àquelas pancadas na barriga do diretor?

Felizmente, os pequenos seres conseguiam sempre realizar prodígios, livrando-se de toda espécie de perigos. Eu mesmo sabia de mil peripécias de Casca de Bétula, para escapar às perseguições de criaturas malévolas como trolls, fantasmas, goblins, e outros bruxos.

Desses, os goblins eram os piores. Apesar de não tão fortes como os trolls, eram mais inteligentes e astutos que aqueles monstregos apavorantes, peritos em atrocidades.

Distraído com essas lembranças, e com uma pilha de batatas fritas, cheguei a perder o começo da conversa de papai com Ladislau.

Enquanto eles falavam, eu comia e continuava recordando, com saudades, as farras na neve da Europa, as brincadeiras no velho moinho, as correrias atrás de marrecos e perdizes. De repente, me veio à cabeça o dia daquela inundação, quando subi ao telhado da casa com Casca de Bétula, e ele me mostrou uma outra família de gnomos. A planície, lá embaixo, tinha se transformado num grande

lago, e os gnomos estavam assustados — não com a água que subia, mas com um goblin que andava pelas vizinhanças, aprontando das suas.

Senti vontade de poder viver aventuras assim, também aqui no Brasil. Talvez nas matas de Petrópolis, bem longe da horta de mamãe.

— Você não calcule o meu desespero! — dizia Ladislau, nesse instante. — Trinta capítulos já escritos, prontinhos para gravar, e desapareceram todos!

— Tem idéia de onde os perdeu? — papai perguntou.

— Não perdi, tenho a certeza!

— Então roubaram!

— Quem iria roubar? E dentro do meu apartamento?

— Nesse caso, foi um fantasma quem tirou! — brincou papai.

Ladislau, porém, continuou sério, com a cabeça baixa em cima do prato, levando horas para cortar o bife.

— E se fosse? — perguntou.

— Hein? — papai olhou Ladislau, com surpresa.

— E se fosse mesmo um fantasma? Ou algo parecido? Papai ia começar a rir, mas Ladislau segurou o braço dele, olhando para mim.

— Aqui não dá para falar sobre isso. Talvez fosse melhor procurarmos outro lugar!

— Pode falar, que meu filho não se impressiona. Chegou a brincar com gnomos na Europa!

Como meu pai soubera disso? Ah, sim! — lembrei-me. Nos meus primeiros contatos misteriosos, quando eu ainda morria de medo, eu havia escrito uma carta a mamãe, falando de que suspeitava haver gnomos por perto. Mas nunca mais falara no caso, depois que fiz amizade com Casca de Bétula e sua família.

— Não se trata de gnomos, nem de Papai Noel — disse Ladislau. — Acho que é coisa muito pior.

— Um demônio?

— Algo desse tipo. E tão poderoso, que chegou a sumir comigo! Papai estava cada vez mais interessado. E eu dez vezes mais que ele.

Ladislau de Souza era mesmo um autor experimentado, pois sabia tirar suspense das coisas. Depois daquela abertura preparatória, soltou:

— Você sabia que eu fui parar num sarcófago?

XVIII

Sarcófago, sarcófago... onde eu já tinha ouvido falar naquilo? Por isso passei a gostar de ler livros: a gente sempre aprende palavras novas, juntando-as como se junta um tesouro. Mas sarcófago eu já conhecia de outro lugar — lembrei! —, do dia em que fui ao museu.

Sarcófagos são aqueles caixões de defunto, mas daqueles muito antigos, onde os egípcios guardavam as múmias dos faraós. Vi alguns deles, no museu, para onde foram levados depois de retirados das pirâmides.

Havia sarcófagos também no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. E Ladislau contou que, não sabe como, foi trancado num deles, que estava vazio.

— Você acredita? — perguntou ele a meu pai.

— Lógico que não!

— Pois fui! E vestido com o meu melhor terno! Ladislau contou que tudo começou quando ele deu como prontos trinta capítulos. Era a quantidade combinada, com a televisão, para que dessem início à produção e à gravação da novela.

— Acabei de escrever o trigésimo capítulo. Juntei-o aos outros, e guardei tudo numa sacola de supermercado, para quando viessem buscar.

— E onde deixou?

— No meu escritório, junto à escrivaninha. Feito isso, liguei para a emissora, avisando que tinha terminado, e que poderiam mandar pegar. Ficaram de vir no dia seguinte, pela manhã!

— Por quê?

— Terminei de escrever à noite, lá pelas nove horas. Tive bastante tempo, ainda, de tomar um banho e me vestir para ir à recepção!

— Que recepção?

— Em casa do Berdorff!

Berdorff! Uma espécie de campainha tocou dentro de mim. Onde eu já ouvira esse nome?

Ladislau e meu pai falavam dele com o maior respeito, quase com medo. Senti que era alguém muito importante em televisão. Talvez o mais importante. Era o homem forte, o todo-poderoso da maior rede de emissoras do país. Tinha sido o responsável por tantas inovações, que chegavam a chamá-lo de Mr. TV.

— Engraçado! — disse meu pai. — Sempre achei que Berdorff detestava esse tipo de badalações!

— E detesta! — continuou Ladislau, falando em Berdorff, e cada vez que ele repetia esse nome, mais eu sentia a certeza de que o conhecia de algum lugar. — Essa recepção foi uma reunião fechada, extremamente formal, com pouquíssimos convidados, para comemorar sua volta do exterior, onde ele recebeu um prêmio!

— Estranho! — comentou papai. — Eu não ouvi falar nesse prêmio!

— Você mesmo disse: Berdorff detesta badalações. Foi lá quietinho, abiscoitou o prêmio, e, como é do seu estilo, voltou ao país no mais absoluto silêncio. Mas um puxa-saco achou de convidar pessoas para homenageá-lo.

— E você entre elas!

— Claro! — disse Ladislau, com indisfarçável vaidade.

— Mas o que tem a reunião do Berdorff com você acabar trancado num sarcófago? — insistiu papai, não conseguindo esconder uma ponta de inveja.

— Nada! Isto é: não sei! O fato é que foi depois que voltei de lá que aquelas coisas estranhas começaram a acontecer.

— Que coisas estranhas?

Até aquele momento, eu confesso que não estivera ainda muito interessado na "aventura" de Ladislau. Queria só que ele chegasse ao ponto em que se viu, de repente, trancado num sarcófago de múmia. Mas agora ele começava a contar fatos incríveis — mas tão incríveis! —, que eu até percebi que a mala de papai tremeu, e quase caiu da cadeira.

Casca de Bétula, finalmente, dava sinal de vida.

XIX

Ladislau tinha sido o último convidado a sair da casa de Cláudio Berdorff. Como todos os demais, ganhara também uma lembrancinha, gentilmente trazida pelo empresário, de sua viagem. No caso de Ladislau, um lindo boneco quebra-nozes, belamente acondicionado numa caixa de papelão.

Ladislau levou a caixa, sem abrir, para o seu apartamento, e deixou-a no escritório, sobre a escrivaninha. Feito isso, preparou-se para dormir.

— De terno? — quis saber papai.

— Por que pergunta isso?

— Puro palpite!

Ladislau olhou meu pai com ar intrigado, e acabou respondendo:

— Não sei como você adivinhou, mas eu estava tão cansado, que não consegui tirar a roupa. Bastou recostar-me por alguns segundos, e peguei no sono sem querer. E só acordei uma ou duas horas depois, com aqueles barulhos terríveis.

— Que barulhos?!

Ladislau não sabia explicar direito. Disse que eram uma espécie de gritos, mais parecendo uivos. Ou, talvez, guinchos. Mas guinchos daqueles de ratos. Ratos descomunais. O que seria aquilo? Ladislau sentou-se na cama, primeiro pensando tratar-se de algum pesadelo, mas logo ouviu um estrondo, como se algo pesado houvesse caído no chão. Era no escritório. Ladislau correu para lá.

Felizmente, tinha deixado o apartamento inteiro aceso, pois no escuro teria sido pior.

Chegando ao escritório, pensou que tinha havido algum assalto. Tudo estava revirado, de cabeça para baixo. O computador, derrubado sobre o tapete, quebrado, soltando fagulhas. Os livros das estantes, também, jogados fora das prateleiras. Abajures quebrados. Cadeiras viradas. Sofás e poltronas com os forros rasgados.

— Mas o que é isso, Meu Deus?

Um pavor incrível tomou conta dele, sentindo-se desprotegido e frágil. Sem arma alguma em casa, achou que havia ladrões ali. Logo, porém, foi acometido por um pânico ainda maior. Demônios! Talvez fosse algum poltergeist, um fenômeno sobrenatural. E ele,

que nunca acreditara nesse tipo de coisas, nem ao menos seguira a moda dos tarôs, cristais, mapas astrais e livros esotéricos, tão comum nos meios artísticos.

O pavor, porém, foi subitamente substituído por outro tipo de sentimento: revolta! Seu trabalho de tantos dias — a novela — estava também espalhado por toda parte, talvez destruído. Folhas e folhas de papel (ele datilografara cerca de mil) desordenadas, bagunçadas, amassadas, e até rasgadas.

— Meus capítulos!

Alucinado pelo desespero, sem preocupar-se mais com o resto, ele começou a tentar recolher o trabalho. Mas por mais que tentasse, uma espécie de pé de vento voltava a espalhar as folhas, mudando-as continuamente de lugar. Ladislau correu para fechar a janela, e ela estava trancada. O que era aquilo?

Ele teve a certeza de que algum ser fantasmagórico estava se divertindo com o seu sofrimento, quando ouviu uma risadinha.

— Quem está aí?

Nenhuma resposta. Ladislau ia voltar a recolher os capítulos, quando um súbito redemoinho os juntou. Em menos de cinco segundos, a novela estava novamente reunida, numa pilha, sobre a escrivaninha. Todos os demais objetos retornaram, também, a seus lugares. A sala estava, num instante, totalmente arrumada.

— Não acredito! — disse papai, a essa altura da narrativa.

— Eu também não quis acreditar! — disse Ladislau. — No fundo, eu queria que tudo não passasse de uma alucinação ou pesadelo, mas os fatos estavam ali, à minha frente. Alguém, que eu não via, se distraía em me torturar, e eu precisava saber quem, ou o que era!

Nesse ponto, eu senti uma espécie de admiração por Ladislau. Eu mesmo reagi assim, quando pela primeira vez, lá na Holanda, senti que havia alguém me espiando. Muitas pessoas, nessas horas, preferem fugir. Eu fiquei, e procurei. Se não fosse assim, nunca teria conhecido Casca de Bétula.

Ladislau também não fugiu. Começou a remexer nos objetos do escritório, olhando atrás deles, ou por baixo, abrindo gavetas, levantando até o tapete, até que de repente chegou à caixa do quebra-nozes.

— Me larga!

— Han?!

Aterrorizado, Ladislau soltou a caixa no chão. Ela tinha... falado?

Vencendo o pavor, tornou a avançar a mão em direção ao quebra-nozes.

— Não se atreva! — a voz voltou a ordenar.

Num gesto brusco, e corajoso, ele segurou a caixa com toda a força, disposto a abri-la, de qualquer jeito, para ver o que havia lá dentro.

Mal começou a desembulhar o presente de Cláudio Berdorff, tudo ficou escuro.

Já estava, então, dentro do sarcófago.

XX

Bati, bati... Gritei, gritei... uma noite inteira... morrendo de medo de morrer sufocado. Até que veio alguém, abriu a tampa, e tirou-me de lá!

Era o vigia da manhã, do museu ("O que o senhor está fazendo aí dentro? Como entrou?").

— E eu, com cara de bobo, não consegui explicar.

— E depois? — pressionou meu pai.

Já estávamos na sobremesa, e ainda havia muita coisa a contar. Mas ele disse:

— Depois, nada! Depois, estamos nós aqui! Eu ainda não tive coragem de voltar ao apartamento! Continuo em casa de mamãe!

Essa não! Por isso a novela tinha parado, o pessoal da televisão estava aflito, e papai quase tivera uma chance de ser o próximo autor.

Ladislau contou que, depois que saiu do sarcófago, foi hospedar-se na casa da mãe dele, para pensar no que fazer.

— Não contou a ninguém o que aconteceu?

— Você é o primeiro! — respondeu Ladislau, como se eu não existisse. — Quando resolvi ir à emissora, pensei que ia ser fácil contar tudo, explicar meu desaparecimento. Fui lá uma, duas vezes, mas só de olhar para eles sentia que, se eu contasse, iriam achar que eu estava louco, e iriam me demitir. Até que você apareceu!

— Por que você disse que faltava alguma coisa na minha história? — papai tornou a perguntar.

— Porque falta!

— O que falta?

— Falta eu ler!

Isso apanhou papai de surpresa.

— Você não leu?!!

— Eles devem ter mandado entregar no meu edifício. Talvez esteja, até agora, na portaria, com o resto da correspondência. Mas não indo lá, não peguei. Por isso, não li. É mesmo uma boa história?

Cheguei a pensar que papai ia ter um troço. Outro daqueles acessos de raiva. Temperamental como ele era, nem sei por que ficou ali calado, olhando para a cara do outro.

Como estava rodando sua pobre história!

— Eu quero ela de volta! — disse, afinal.

— Tá bom! Mas não pode esperar um pouquinho?

— Quero hoje!

— Hoje? Depois daquela briga, você ainda acha que eles vão querer a sua história?

— Não interessa! Quero hoje! — repetiu papai, já alterando a voz.

— Mas como eu posso voltar ao apartamento com aquele fantasma lá?

Papai levantou-se e pegou a pasta.

— Eu vou com você!

Boa! Era isso mesmo que eu estava querendo. Apesar de não ter sido convidado, levantei-me pronto para acompanhá-los. Com ou sem fantasma, o mais importante era recuperar a novela. Mas se houvesse realmente um poltergeist, seria bem mais divertido. Afinal, meu supergnomo iria com a gente.

Ladislau tentou, mas não conseguiu dizer não, pois meu pai praticamente o empurrava, enquanto ele pagava a conta. Tão tenso papai estava, que ia até esquecendo a pasta.

— Papai! O Casca! — avisei.

Ele voltou-se.

— O quê?!

Gaguejando, consertei:

— A pasta!

— Leva pra mim?

Levei. E satisfeito da vida. Tinha o pressentimento de que agora, mais do que nunca, Casca de Bétula iria ter uma participação decisiva em toda aquela confusão. Eu queria estar perto!

Não era muito longe o apartamento de Ladislau. Fomos em nosso carro, papai dirigindo, e Ladislau de carona ao lado dele. Eu fui no banco de trás, com a pasta.

O dia estava lindo, e fomos pela praia. Os dois, na frente, iam conversando, e paquerando as boazudas. Aproveitei essa distração para estabelecer contato com o gnomo.

Dei uma abridela na pasta, e ia chamar por ele baixinho, mas nem foi preciso: ele já foi botando a cabecinha de fora.

Nem deixou eu dizer nada. Colocou o dedo nos lábios, pedindo silêncio, e já foi dizendo:

— Shhh! Nada de conversas agora!

— Mas...

— Me faça entrar, de qualquer maneira, naquele apartamento!

— Apar...

Não adiantava argumentar. O gnomo já desaparecera dentro da pasta, exatamente quando chegamos ao prédio de Ladislau, um edifício maravilhoso, de alto luxo. Fomos direto à portaria.

— Seu Fagundes, alguma coisa pra mim?

— Ih, doutor. Um monte! — respondeu o porteiro, passando às mãos de Ladislau vários envelopes e revistas. — Andou viajando?

— Um pouco! Alguém me procurou? Tudo bem lá em casa?

— Que eu saiba, tudo O.K.! Afora os homens que trouxeram essas coisas, o resto correu normal!

Em meio à papelada, estava a história de meu pai. Sua bela e querida história (escrita pelo gnomo, naturalmente)! Ali mesmo na portaria, ele conferiu para ver se estava tudo certo, e guardou na pasta.

— Bem, Ladislau. Então é só isso. Até logo! — disse, estendendo a mão.

Ladislau levou um choque. Não esperava por isso.

— O quê?! Já vai embora? Não quer subir um pouco? Senti que ele implorava. O famoso autor até tremia, ligeiramente, como quem precisa muito de ajuda. E insistiu:

— Eu ainda queria dar uma lida na sua história!

Vendo que nem isso convencia papai, usei um último recurso:

— E eu estou apertado pra fazer xixi!

XXI

Quando Ladislau, lá no restaurante, tentara nos dar uma idéia da bagunça em seu apartamento, o que ele disse não nos impressionou. Impressionados nós estávamos agora. Mais do que isso: assombrados!

Mal nós entramos, devagarinho, sem precisar acender a luz, porque ela já estava acesa, nos deparamos com o cenário mais absurdo de nossas vidas.

— Oh, não! — e essa frase não pode faltar, porque é dita em todos os filmes, em ocasiões semelhantes.

Quem falou isso foi Ladislau, já dando mostras de que queria voltar atrás. Mas papai o segurou.

— Que neve é essa?

Uma pergunta muito natural, pois o chão estava coberto daquela brancura que eu já conhecia tão bem, do inverno europeu. E a neve continuava a cair, em flocos fininhos e gelados, não se sabe de onde.

Aqui e ali, como se fosse um pesadelo, havia galhos de árvore. Mas não árvores brasileiras: uma mistura de pinheiros, cedros, salgueiros, olmos e tílias, tudo espalhado por cima dos móveis.

Para a gente caminhar, foi preciso ir afastando as folhagens úmidas, pulando pedaços de tronco, abrindo caminho na neve. Papai ia puxando o dono da casa, e eu sem largar a pasta.

— Aonde estamos indo? — perguntou Ladislau, batendo o queixo, de medo e frio.

— Meu filho quer ir ao banheiro!

Quem disse que eu me lembrava do meu xixi? Mas continuamos, atravessando a confusão, no mais absoluto silêncio. O que haveria lá adiante?

Passamos por um corredor, também quase intransponível, atopetado de vegetação. Pelas paredes, cheias de musgo, desciam ervas e raízes.

— Que barulho é esse? — perguntei, de ouvido apurado.

— Vem do escritório! — disse Ladislau. — Acho melhor voltarmos daqui!

Papai olhou para mim.

— João Filipe, você não vai ao banheiro?

— Depois! — respondi.

— Então vamos ao escritório! — ele decidiu. Mas distraiu-se, e deixou escapar Ladislau.

— Volte aqui, ô cara!

Ladislau tinha se trancado no banheiro.

— Bem, eu vou sozinho! Filipe, você fique aqui me esperando.

E foi em frente, passando por cima de um monte de cogumelos, que estavam bem na abertura da porta. Mas eu não obedeci, e fui atrás dele. Chegamos juntinhos, quase de cócoras, e a primeira coisa que vimos lá dentro foram fagulhas azuladas, estourando. Era disso aí o barulho que eu tinha ouvido.

Papai cochichou no meu ouvido:

— É o computador!

Sim. Exatamente como Ladislau nos contara, o computador continuava caído no chão do escritório, semi-enterrado na neve, com peças em curto-circuito, soltando centelhas, crepitando, com um forte cheiro de queimado.

A segunda coisa que notamos, ali da entrada, foi o que realmente nos pôs de cabelo em pé: uma voz!

Mas era uma vozinha rouca e irritante, talvez de um ser bem diminuto. Não um som agradável, como os gnomos quando falam, mas algo em tom quase diabólico. Seria apavorante, se emitido em volume maior que aquele.

Antes de pensar em qualquer outra coisa, ficamos ali, paralisados, ouvindo o que a voz dizia. Por segurança, certifiquei-me de que a pasta — com Casca de Bétula — continuava em minhas mãos.



*A primeira coisa que vimos lá dentro foram
fagulhas azuladas, estourando.*

Logo entendemos que se tratava de uma conversa ao telefone. Não víamos ainda a pessoa que falava, mas ela estava atrás da escrivaninha. Pelo jeito, não percebera a nossa entrada no apartamento.

Era essa a conversa:

— A história desse Ladislau não presta pra nada! Li várias vezes, e é a maior idiotice que já vi em meus duzentos anos de idade. Vou queimá-la!

Aquele que estava do outro lado da linha, pelo jeito, não gostou de ouvir isso, e protestou. O daqui não se convenceu.

— Ora, você não quer? Mas não quer por quê? Destruir essa porcaria é mais um serviço que estou lhe prestando! Uma novela dessas só vai lhe trazer prejuízos!

Novos protestos do outro lado, e o camaradinha do lado de cá não aceitava.

— Quem disse que não entendo disso? Posso não conhecer televisão, como você conhece, mas de boas histórias eu tenho prática. Sei quando vejo alguma que preste! Mas esse Ladislau é uma besta!

Tive a impressão de que papai sorria. Precisávamos ver quem falava, por detrás da escrivaninha, mas não queríamos pôr tudo a perder. Nova pausa, e a vizinha voltou a dizer:

— É o seu autor de maior sucesso?! Não acredito! Como vocês conseguiram isso? Olhe, me dê um prazo para descobrir um verdadeiro autor, e então você vai deixar que eu queime a novela do Ladislau!

Nesse ponto, senti algo que gelou meu estômago. Uma coisinha, feito um rato, passou entre minhas pernas. Olhei, e vi Casca de Bétula saindo de baixo de mim, e mergulhando na neve.

Suas pegadas minúsculas logo se apagaram.

O gnomo saíra da pasta, e entrara outra vez em ação.

XXII

E inacreditável que tudo aquilo estivesse acontecendo num apartamento de luxo, embora o cenário fosse o de um bosque gelado, onde um homem e um garoto espreitavam, escondidos.

Meu pai não tinha percebido Casca de Bétula, principalmente porque seu principal interesse era identificar o ser sinistro que falava ao telefone.

Senti que os músculos dele se retesavam, na firme disposição de chegar mais perto.

A voz continuava:

— Tem certeza? Não quer mesmo que eu queime? Vem me buscar, e pegar a história? Então está bem, meu amo. Você manda e eu obedeço! Estarei à sua espera!

— Onde? Ora, dentro da caixa, onde me guardou! Em cima da escrivaninha, sobre a novela do Ladislau!

Foi então que aconteceu. Papai não agüentou mais, e lançou-se à frente. A última coisa que vi foram as suas pernas. A vizinha parou de falar, e um guincho horrível ecoou pelo escritório.

Apanhado de surpresa, o pequeno ser ao telefone apagou todas as luzes. Quando elas voltaram, papai tinha desaparecido.

O mais incrível de tudo foi que eu achei que despertara de um pesadelo. Tudo o que havia ali, antes se modificara por completo. A neve tinha sumido. Junto com ela, as árvores, os troncos, as raízes e os cogumelos. O escritório estava arrumadinho de novo. Normal.

Menos pelo computador, que continuava caído sobre o tapete, soltando centelhas. No silêncio geral, era o único barulho que se ouvia.

— Papai! — eu chamei, controlando minha vontade de chorar.

Nenhuma resposta!

Chamei outra vez, já procurando por todos os cantos.

— Papai!

Uma risadinha gostosa me respondeu:

— Vamos ter algum trabalho para pegá-lo de volta!

— Casca de Bétula!

Era mesmo o gnomo. Um personagenzinho sorridente e colorido, como sempre, em cima da escrivaninha, encostado numa caixa de papelão.

Sabia que ele sabia. Por isso, perguntei:

— Antes, me conte o que aconteceu!

— Foi coisa desse patife aqui! — disse o gnomo, batendo com os nós dos dedos na caixa.

— O que tem aí dentro?

— Na verdade, deveria haver um boneco quebra-nozes! Mas o que temos aqui é um danado de um goblin!

Um goblin! Outro daqueles seres sobrenaturais da floresta, freqüentemente confundidos com os gnomos, mas seus rivais. Os goblins, ao contrário dos gnomos, são criaturas das trevas, que usam seus poderes mágicos para o mal. Não há perversidade de que um goblin não seja capaz.

Talvez os goblins não sejam tão espertos quanto os gnomos, mas são muito inteligentes. Por isso representam tanto perigo para os seus simpáticos adversários, todas as vezes que se defrontam.

— Você tem certeza de que é um goblin? — perguntei, com enorme preocupação, pois já ouvira muitos casos terríveis de goblins, contados pelo próprio Casca, e vira o resultado trágico de algumas de suas proezas diabólicas.

— Não tenho a menor dúvida! — disse meu pequeno amigo. — Eu já estava desconfiado, desde o começo, e tive a certeza quando o ouvi falar ao telefone.

— Era então o goblin? — perguntei por perguntar, e o gnomo deu sua versão do caso.

Segundo ele, aquele goblin viera ao Brasil na bagagem de um viajante chegado da Europa.

— A pessoa com quem ele estava falando?

Casca nem deu confiança em responder. Fez cara de quem achava aquela uma pergunta idiota, e prosseguiu. Assim como eu o trouxera na mochila, o viajante trouxera o goblin dentro duma caixa.

— Um goblin cabe em qualquer lugar. Nós gnomos não mudamos de tamanho, mas um goblin sim. Pode ser do tamanho de uma noz, ou crescer a ponto de parecer um homem. Este nosso encolheu-se para caber, confortavelmente, numa caixa de quebra-nozes.

— Dasquelas que foram distribuídas! E, por distração, justamente esta foi parar nas mãos do Ladislau!

Estava explicada toda a confusão, e eu tremi nas bases.

— Quer dizer que o... o dono do goblin... é o Cláudio Berdorff?

Vi centelhas no fundo dos meus olhos. Só então percebi o que aquele nome realmente significava para mim. Estava escrito naquele cartão! Seria a mesma pessoa?

Eu iria conferir, assim que voltasse para casa.

XXIII

Casca de Bétula apenas balançou a cabeça, confirmando que o "dono" do goblin era nada mais nada menos que o todo-poderoso da tevê. E explicou, por explicar, que Berdorff não estava gostando nada de o duende ter-se metido a ler — e querer destruir — a novela de Ladislau.

— Por azar — concluiu Casca —, este goblin deve ser, como eu, um admirador de histórias. São raríssimos, mas existem. Daí, talvez, sua ligação com o manda-chuva de uma tevê.

— Que bom ele querer queimar a novela do Ladislau! — disse eu, torcendo por meu pai, mas ao mesmo tempo arrependido dessa atitude mesquinha.

— Mas Berdorff o proibiu de fazer isso! — lembrou o gnomo.

— Quer dizer que... papai continua sem chance?

— Ainda tem uma! Eu escondi, bem escondida, a novela do Ladislau. E coloquei, aqui em cima da mesa, a história que eu... bem... que seu pai pensa que escreveu — e, dizendo isso, Casca de Bétula sorriu com malícia, logo acrescentando: — O que temos agora é de esperar que Berdorff chegue aqui, a encontre, leia, goste dela... e contrate seu pai!

Eu ainda não me senti com coragem de falar a Casca sobre a minha suspeita. Não tinha certeza de que Berdorff era mesmo o nome escrito no cartão. Se fosse, o que eu deveria fazer?

— E o que você fez com o goblin? — perguntei ao gnomo.

— Foi uma luta prendê-lo na caixa! Mas, como você sabe, eu também tenho meus truques. Só que os efeitos são temporários, e por isso acho bom sairmos daqui depressa.

Concordei no ato. Afinal, apesar do sabor de aventura, no fundo eu não tinha gostado muito daquele sufoco. E estava aflito para saber do meu pobre pai!

— Não se assuste! — disse Casca de Bétula, voltando a entrar na pasta. — Ele deve ter ido parar no mesmo lugar onde o goblin enfiou o Ladislau, da outra vez!

— O sarcófago?!

Nossa! Seria mesmo? Eu precisava, urgente, descobrir onde ficava o museu, e ir lá libertar papai. O Ladislau deveria saber!

Corri ao banheiro, bati, bati, mas ele custou a abrir. Quando saiu, vinha assustado, mas logo se tranqüilizou ao ver seu apartamento novamente arrumado.

— Onde está seu pai? — perguntou, caminhando na direção do escritório.

— Isso o senhor é que vai me dizer! — respondi, puxando-o, para impedir que ele chegasse lá. Se ele olhasse na escrivaninha, ia dar por falta da novela.

— Que é isso, garoto? Me largue!

— Onde é que fica aquele museu?

— Que museu?

— O do sarcófago, onde prenderam o senhor! Aconteceu o mesmo com papai!

Não deixei ele pensar. Ele não entendeu nada, resmungou, quis dar pra trás, mas sua curiosidade foi mais forte, e eu o convenci a ir comigo ao museu.

E deu certo! Papai estava, de fato, lá: guardadinho no mesmo sarcófago.

— O que houve? O que aconteceu comigo? — repetia sem parar, totalmente zozinho, depois que o soltaram.

Como eu poderia explicar?

Quando se acalmou, papai quis, por toda força, voltar ao apartamento de Ladislau.

— Minha história ficou lá!

Era verdade, lógico, mas isso estava em nossos planos (meus e do gnomo). Por isso, eu disse:

— Mais tarde o senhor busca!

Mas ele insistia. E quanto mais ele insistia, mais eu tentava atrapalhar.

— Primeiro, por que você não liga pra mamãe?

— Ligar pra sua mãe, menino? Qual é essa agora?

— A coitada deve estar preocupada. A gente nem deu notícia! O que eu queria — vocês sabem — era atrasar nossa volta ao apartamento, para dar tempo de Cláudio Berdorff chegar lá e encontrar a história do papai, em cima da escrivania. Dar tempo para ele ler, e descobrir que ela era bem melhor que a novela de Ladislau.

Papai, afinal, topou telefonar para Petrópolis. Eu e Ladislau ficamos esperando.

— Querida, você nem acredita o que aconteceu! Mas felizmente terminou tudo bem!

Mamãe deve ter ficado muito espantada, mas ele adorava fazer suspense:

— Não posso contar agora, meu bem. Mas aconteceu algo incrível! Tenho, agora, de voltar à casa do Ladislau, para pegar minha história! Tchau!

Ele já ia desligar, mas eu tentei atrasá-lo ainda mais.

— Eu quero falar com ela!

Papai e Ladislau bufaram, impacientes. Mas eu ainda fiz uma maldade.

— Oi, mãe! Tudo bem? Você sabe que trancaram papai num sarcófago?

Pronto! Mamãe quis saber de tudo, desde o começo. Quando saímos dali, tinha corrido mais de meia hora.

— Desculpe eu te dizer isso! — comentou Ladislau, enquanto entrava no carro. — Mas esse seu filho é um chatinho, hein?

Antipático! Mas eu tinha feito o melhor que podia. Eu não tinha pressa nenhuma.

— Um minuto a mais, um minuto a menos, não importa! — disse papai. — O que eu quero são os meus originais de volta. E a minha pasta!

A pasta!

Na pressa de soltar papai no museu, eu a esquecera no escritório. Com Casca de Bétula dentro dela! Agora era eu que estava com pressa.

XXIV

— Corre, gente! Andem com essa carroça!

Os dois me olhavam, surpresos. Seria xixi de novo? O fato é que eu estava ansioso para chegar ao apartamento. Não podia ter a menor idéia do que estava acontecendo lá. Devia estar havendo o diabo, com o goblin já solto da caixa, vingando-se de Casca de Bétula, fazendo horrores com ele.

Ou não!

Podia não tê-lo encontrado. Quem sabe, em vez disso, teria lido a história de meu pai, e pensado: "Esta sim, é uma grande história! Vai dar uma novela ótima!". E logo diria isso ao próprio Berdorff, quando ele chegasse. Talvez até já tivesse dito.

Só que eu não contava com a monstruosa e infernal crueldade dos goblins. Especialmente daquele goblin. Ele nunca perdoaria a molecagem que um reles gnomo, seu tradicional inimigo, lhe fizera.

Casca de Bétula depois me contou o que aconteceu.

Assim que se viu fechado, à força, na caixa do quebra-nozes, e sua mágica desfeita, o goblin logo percebeu quem tinha sido o autor da façanha. Ouviu, também, o que o gnomo me disse, e entendeu tudo. A partir daí, já soube como agir para destruir nossos planos.

Não demorou muito, ele se soltou da caixa. A primeira coisa que fez foi procurar a história de meu pai, e começou a lê-la ferozmente. Por isso, talvez, não reparou na nossa pasta, ali perto.

Quietinho, dentro dela, Casca de Bétula foi tomando conhecimento de tudo. Viu Cláudio Berdorff chegar, e encontrar o goblin sentado à escrivaninha, com os óculos de Ladislau pendurados no nariz, tendo nas mãozinhas enrugadas a história de meu pai.

— Ah, você está aí lendo? — perguntou Berdorff. — É a novela do Ladislau, não é?

— Não, não é. Mas antes fosse! — respondeu o goblin. — É uma história muito pior!

— Pior?! De quem é?

— Não interessa! É uma história horrível, ridícula, sem pé nem cabeça! Eu a estou detestando! E você iria detestá-la também!

Berdorff avançou, com a mão estendida.

— Deixe-me vê-la!

O goblin subiu no assento, encolhendo-se abraçado aos originais.

— Não chegue perto! — berrou.

— Mas... por quê?! — espantou-se Berdorff.

— É uma história perigosa! Maldita! Iria fazer muito mal a você! — disse o goblin, encarapitando-se nas costas da cadeira.

— A mim? Essa é boa! — disse o empresário. — Na minha idade, nada que eu leia pode me fazer mal!

— Nem precisa ler! Basta pegar! — falou o goblin. — Conheço bem as forças maléficas, as energias negativas, e sei quando elas emanam das coisas e das pessoas. Estas folhas de papel estão impregnadas de mandingas e bruxarias. Coisa da grossa!

— Pois eu não acredito nisso! Me dê essa história aqui! — e Berdorff avançou mais um pouco.

— Estou lhe dizendo: afaste-se! — gritou o goblin, pulando para o alto de uma estante, levando a história.

— Desça daí! — ordenou o outro.

Mas quem disse que o goblin obedecia? Revelando-se um grande ator, ele começou a chorar, a lamentar-se, procurando comover Berdorff, e impedi-lo de ler a história de seu pai.

— Ah, é assim que você me trata, depois de tantos favores que eu lhe fiz? Foi para isso que me trouxe da Finlândia? — disse.

— Foi você que me pediu para vir! Eu bem sabia que, mais dia menos dia, você iria me dar trabalho.

— Trabalho? Eu? Não seja injusto. É assim que me agradece os serviços que lhe prestei? — gemeu o goblin.

— Ora, nós fizemos um trato. Um negócio! Eu o trazia ao Brasil, país que você queria tanto conhecer, e em troca recebia algumas ajudazinhas suas!

— Como aumentar a sua audiência, e diminuir a do seu concorrente, por exemplo. Chama a isso de... algumas ajudazinhas!

Estava explicado o recente aumento de audiência da emissora de Berdorff, rumo a um sucesso ainda maior, e a violenta queda da sua maior rival. Um goblin! Da mesma forma com que Casca de Bétula nos ajudava, praticando o bem, aquele pestinha colaborava com Cláudio Berdorff, fazendo mal aos inimigos dele.

— Está certo! Você me tem sido útil! — concordou o empresário. — Mas você deve atrapalhar apenas os meus concorrentes. Não a mim!

— Eu estou atrapalhando você? Como?

— Impedindo que eu leia essa história!

— Mas eu já lhe disse que ela é horrorosa, péssima, uma verdadeira droga!

— Você me falou o mesmo da novela do Ladislau!

— Que, pensando bem, é até melhorzinha que esta!

— É preciso que eu leia, para saber!

— Você não acredita mais em mim? — disse o goblin, levando a mão à testa, dramático.

— Acredito! Mas tenho urgência em estrear uma novela nova, senão a vaca vai pro brejo!

— Mas faça então a do Ladislau. Não esta aqui. Senão, não é só a vaca, mas a boiada inteira que vai pra esse brejo!

— Tá bom! Cadê a novela do Ladislau?

O goblin, aí, fez uma cara de perfeito idiota. Dentro da pasta, Casca de Bétula rolava de rir.

— Me dê logo essa novela! — exigiu Berdorff. — Não vá me dizer que a queimou!

— Juro que não!

— Onde ela está, então?

Como o goblin iria explicar aquilo, se ele mesmo não sabia?

Foi então que viu a pasta.

— O gnomo!

Antes que Casca de Bétula pudesse fazer qualquer coisa, o goblin já estava abrindo a pasta, e pegando-o.

XXV

— Pare! Não faça isso! Pelo menos, não na minha frente! — exigia Berdorff.

Mas o goblin, implacável, continuava acendendo fósforo atrás de fósforo, ameaçando queimar as botas de Casca de Bétula. O pobre gnomo suava, todo amarrado com fita durex, e pendurado de cabeça

para baixo, preso à lombada de um livro na prateleira mais alta da estante.

Para aumentar ainda mais seu sofrimento, o goblin lhe dava pequenos piparotes, fazendo-o ir para cá e para lá, como um pêndulo.

— Vai dizer ou não vai? — perguntava, riscando mais um fósforo, e dando outro peteleco. — Onde está a novela?

O gnomo, heróico, agüentava sem dar um pio.

— Por que acha que ele sabe? — perguntou Berdorff, com muita pena.

— Foi ele que escondeu!

— Tem certeza?

— Ouvi ele contando, para o amo dele! Um garoto que o trouxe da Europa, como você fez comigo!

— Um gnomo no Brasil! Quem diria? — o empresário estava espantadíssimo com aquilo, e não agüentava de curiosidade. — Aqui no Rio?

— Não interessa! Só interessa impedi-lo de nos prejudicar! Foi ele que colocou aí essa história enfeitada, e escondeu a novela do Ladislau! — disse o goblin, sempre maltratando Casca.

— Acho que assim você não vai conseguir nada! Não adianta continuar! Detesto torturas! E, aliás, tive uma idéia!

— Qual? — perguntou o goblin, segurando o gnomo. Berdorff foi até a escrivaninha, onde o diabrete tinha largado a história de meu pai, e apontou-a, com receio de tocar nela.

— Você tem certeza de que essa história dá azar?

— Super-azar!

— É maldita mesmo?

— Malditíssima!

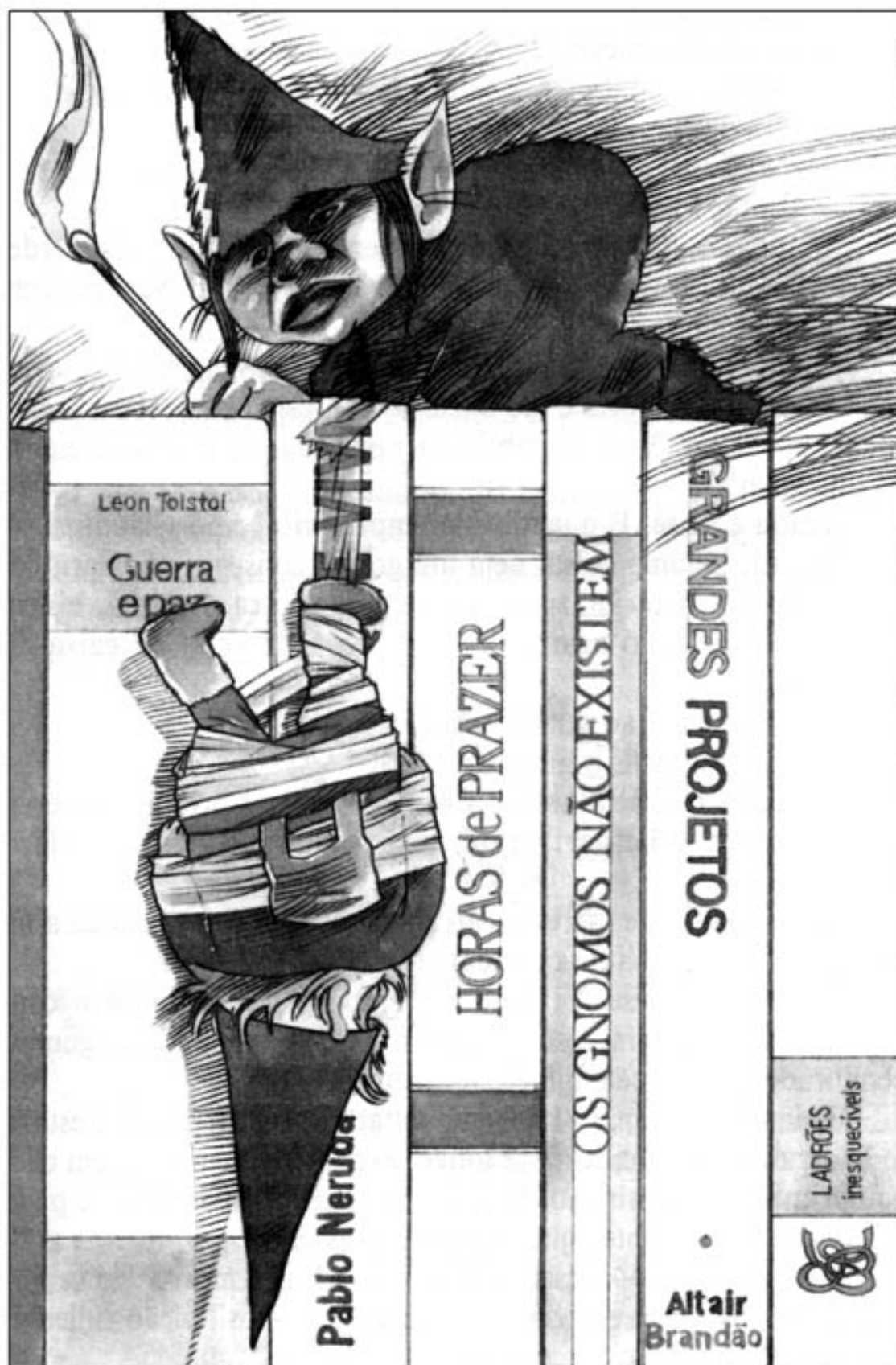
— No duro?

— No duro!

— Então vamos mandá-la ao meu concorrente!

Mandar a história à tevê concorrente! O gnomo ficou verde. Em seguida, ficou pálido como uma vela de igreja. Não era bem isso que ele queria.

Berdorff, porém, estava entusiasmado com sua brilhante idéia.



O goblin, implacável, continuava acendendo fósforo atrás de fósforo, ameaçando queimar as botas de Casca de Bétula.

— Se essa história é tão baixo-astral, eles vão quebrar a cara se a produzirem. Vou descobrir quem é o autor, para que eles lá o contratem!

Falou e disse. E quando um empresário como Cláudio Berdorff decide alguma coisa, nem um goblin consegue contrariá-lo.

O goblin ficou olhando seu amo com cara de besta, e nem reagiu quando ele o agarrou, e o colocou de volta na caixa do quebra-nozes.

Apenas disse, ao ser fechado:

— Ei, espere! E o gnomo?

— Deixe-o aí pendurado! Ele ainda vai-nos prestar um serviço! — respondeu Berdorff, rabiscando umas palavras num bloco de anotações.

Terminando de escrever, arrancou a página, e prendeu-a na bata de Casca de Bétula com um clipe.

Feito isso, lá se foi Berdorff embora, todo lampeiro com sua caixa, seu goblin e sua magnífica idéia, deixando o gnomo pendurado com aquele bilhete no peito.

Quando eu, papai e Ladislau voltamos, o apartamento estava todo arrumado, e Berdorff já longe. Felizmente, fui eu quem chegou primeiro ao escritório. Vi Casca de Bétula antes deles, e pude soltá-lo depressa, antes que os dois entrassem.

— Que sorte! — disse o gnomo. — Eu ia morrer de vergonha de ser visto por eles, aqui amarrado, nessa situação ridícula. Não ia ter jeito de me esconder, como sempre!

— Que aconteceu? Que bilhete é esse? — perguntei, segurando o papel que estava preso no peito dele.

Casca de Bétula desapareceu sem responder, deixando-me com o bilhete na mão. Meu pai e Ladislau vinham entrando.

— Que papel é esse aí? — perguntou Ladislau, com desconfiança, quase arrancando o bilhete da minha mão.

— Onde está a minha história? — perguntou meu pai, revistando aflito a escrivania, e rebuscando por todo o escritório.

Ladislau leu rapidamente o bilhete, e disse:

— O Berdorff esteve aqui!

Papai nem ligou, e continuou sua procura. Ladislau precisou gritar, nervoso:

— O Berdorff esteve aqui!

Aí, papai, que já encontrara a pasta, mas não os originais, parou e pensou em voz alta:

— Será que ele levou minha história?

— Se levou, por que escreveu isto aqui? Quer a minha ou a sua?
— disse Ladislau, mostrando o bilhete.

Papai leu. Eu já tinha lido antes, e sabia o que estava escrito. O bilhete dizia:

LADISLAU

PRECISO URGENTE DA SUA NOVELA.

SE PERDEU, DANE-SE. COMECE A ESCREVER DE NOVO.

BERDORFF

XXVI

Ladislau ficou em casa escrevendo.

Eu e papai voltamos para Petrópolis.

Papai achou melhor não reclamar sua história de volta, com a esperança de que Berdorff gostasse dela e o contratasse. Ao chegar, já no portão abraçou mamãe, dizendo:

— Vamos torcer, querida! A sorte está lançada!

Acreditar não é pecado. Pela primeira vez ele se sentia competindo pau a pau, em condições de igualdade com Ladislau, tendo muita chance de ser o escolhido. Sua proposta, afinal, estava nas mãos do todo-poderoso, que iria decidir qual a melhor idéia. Coitado do papai: não sabia de nada.

A primeira coisa que fiz, entrando em casa, foi correr ao meu quarto, atrás do cartão. Remexi gavetas, revirei minhas coisas, espalhei roupas e objetos, folheei livros e cadernos, mas não consegui encontrá-lo. Imaginei-o, então, molhado e enrugado no fundo de algum bolso de camisa ou calça, que mamãe teria mandado lavar. E agora?

A segunda providência foi ir atrás de Patrícia, para contar tudo a ela. Nem precisei chamar. Ela já estava de olho, vigiando a volta da gente, encarapitada no muro.

Falei uns quinze minutos, ou mais, sem parar, e ela só escutando com os olhinhos arregalados. No fim, perguntou:

— Onde está Casca de Bétula?

Boa pergunta. Devia estar dentro da pasta — pensava eu. Mas papai não me dera tempo de olhar. Trancara-a no porta-malas do carro.

— Ele sabe se virar! — eu disse, confiante e habituado à esperteza do gnomo.

Patrícia se zangou.

— Depois de uma tortura daquelas? Você é um monstro! — disse ela, indignada com a minha tranquilidade. — Vamos pegar a pasta!

— Papai já tirou do porta-malas! — disse eu. — Primeiro pegue estes biscoitos!

Só agora me lembrei de entregar o pacote de biscoitos, que eu comprara para ela numa parada na estrada. Eu não poderia deixar de trazer uma lembrança para a minha amiguinha.

Contente com a surpresa, Patrícia me deu um beijo, e pegou os biscoitos com força.

— Ai! — ouvimos um grito, dentro do saco.

Era Casca de Bétula, sorridente, com a carinha por trás do plástico transparente, misturado aos biscoitos.

Quando o tiramos de lá, foi uma festa!

Só depois de muitos abraços é que paramos para pensar no nosso problema: e o emprego de meu pai? O que acontecera no apartamento do Ladislau? E o Berdorff como é que era? Era gordo, assim, assim, coisa e tal?

Casca de Bétula não pareceu nem um pouco interessado em dar respostas, e muito menos em saber por que eu perguntava tudo aquilo. Não deu a mínima importância à minha aflição.

— Depois eu falo sobre tudo isso! Agora eu preciso ir cuidar de outros assuntos também muito sérios! — falou, e sumiu diante de nossos olhos.

No dia seguinte, soubemos o que ele tinha ido fazer.

Ao chegar à sua horta, de manhãzinha, acompanhada por meu pai, mamãe teve uma nova surpresa: os legumes tinham aumentado. Não só em quantidade, mas também em tamanho. Enormes!

— Nossa! Será que não vão parar de crescer? — disse mamãe espantada com mais aquele "milagre". — Desse jeito, vamos precisar comprar o terreno do lado!

— Quem sabe a gente vai ter dinheiro pra isso? — disse papai, com a voz fraquinha de melancolia, mas o olhar ardendo de fé.

— Você sempre dá um jeitinho em tudo, meu bem! — disse ela, beijando-o. E eu torci para que Casca de Bétula não se magoasse com aquilo que ela disse.

Três dias se passaram sem novidades. Enquanto a horta de mamãe aumentava, aumentavam também as nossas preocupações, e a ansiedade de papai. Não chegara nenhuma notícia sobre a história dele.

Daquele cartão, nem sinal. Se eu tivesse mesmo a certeza de que Berdorff era aquele homem gordo, meu simpático companheiro de vôo, quem sabe eu poderia fazer alguma coisa, conversar com ele, até convencê-lo, sei lá? Lembrei-me que ele tinha me convidado a conhecer a casa dele em Araras. Ali perto! Ao mesmo tempo, eu pensava: ora, aquilo tudo foi só uma simples camaradagem de companheiros de viagem!

No quarto dia, porém, tivemos um tremendo choque. O jornal trazia uma foto de Ladislau, com a notícia de que a novela dele ia começar a ser produzida.

— Como? Já?

Pelo jeito, estava decidido.

— E então, Casca? Como você me explica isso? — interpelei o gnomo, assim que consegui encontrá-lo. Mas ele nem deu bola.

— Calma!

— Calma coisa nenhuma! Você precisa fazer alguma coisa!

— O que tinha de ser feito já está feito! — disse ele, tranqüilão, numa boa. Eu não agüentei.

— O que é que está feito? O goblin venceu. Derrotou você. Conseguiu convencer Berdorff que a história do Ladislau é melhor que a sua!

Sem me dar confiança, o gnomo ficou assobiando, ocupado em limpar as unhas com um graveto. Aquilo irritou-me.

— Responda, Casca de Bétula!

— Não respondo nada, enquanto você ficar dizendo besteiras! Sabe muito bem que nunca ninguém, que lesse a minha maravilhosa história, poderia achar qualquer outra melhor que ela!

— O goblin achou! — insisti.

— Opinião de goblin não vale! Tem sempre um interesse perverso por trás. E, se você quer saber, ele também achou minha história perfeita — argumentou o gnomo, resolvendo afinal contar o que acontecera no apartamento de Ladislau, inclusive a mentira do goblin, sobre o azar.

— Só pra se vingar de mim, você sabe!

— Tudo bem! Mas como está nos jornais, a história do Ladislau não pode ser tão ruim assim. Tanto que vão produzi-la! — teimeei.

Casca de Bétula deu um risinho debochado.

— Ora, essas televisões produzem qualquer coisa! Seu pai já explicou isso a você. Elas dizem que é bom, e todos acreditam que é!

— E a novela do Ladislau não é?

XXVII

Casca de Bétula nos explicou, a mim e a Patrícia, que a novela de Ladislau não era nem boa nem má. Na verdade, ela não existia. Era uma espécie de cópia de muitas outras histórias.

Não entendemos, e o gnomo resolveu nos explicar aquilo. Foi uma verdadeira aula, lá no fundo do quintal.

Casca de Bétula disse que as grandes histórias, as histórias eternas, que não morrem nunca, são as originais. São as mães de outras histórias, que as imitaram justamente porque elas eram muito boas.

Quando alguém inventa uma história nova, se ela for boa, vira mãe também. Não faltam copiadore e adaptadore.

A novela de Ladislau, que a tevê ia gravar, era uma dessas imitações, inspirada numa lenda alemã, muito antiga, chamada *O canto dos Nibelungos*.

— Só que é uma imitação muito pobre e vulgar! E está misturada a um pouquinho de várias outras histórias famosas. Ali ele botou uma pitada de *Os três mosqueteiros*, outro tanto de *Alice no país das maravilhas*, e até de *E o vento levou...*, e só não colocou *Romeu e Julieta* porque iria dar muito na vista.

— Essa eu conheço! — palpitou Patrícia. — Mamãe diz que tem sempre um pouco de Romeu e Julieta em todas as novelas!

— Por aí você vê! — confirmou o gnomo. — Eu gostaria de conhecer também boas histórias brasileiras, para perceber quando elas são mães de outras. Podem me indicar algumas?

Patrícia pensou, pensou, e conseguiu lembrar de *Cazuza e Reinações de Narizinho*, que achou ótimas. Com minha ajuda, citou ainda *O pica-pau amarelo*, além de poucas outras, mais modernas. Casca de Bétula criticou nossa "memória fraca":

— É pena que as crianças brasileiras de hoje não conheçam tantas histórias, para se divertir e aprender com os bons autores, e pegar os falsos pelo pé. É porque não lêem muito, e pior: não sabem o prazer que isso representa!

Botei a carapuça. Lamentei que, aqui no Brasil, eu tivesse perdido o hábito de ler. Na Inglaterra, para não ficar para trás, eu procurava imitar meus colegas, que gostavam de livros, e por isso sabiam mais. Teria isso a ver com progresso?

Casca de Bétula pareceu ter lido o meu pensamento, e comentou:

— Eu dei uma olhada num livro que seu pai tem na estante, de um tal Euclides da Cunha, e lá há uma frase muito interessante: "Ou progredimos, ou desaparecemos". Ele falava do Brasil, mas esse deveria ser um lema de todos os povos. E o progresso começa pela educação e pela cultura. Em resumo: livros!

Mas Casca de Bétula parou de falar nisso, e voltou a discutir a novela do Ladislau:

— Você viu, João Filipe, aquele computador? — perguntou.

— Claro!

— Pois aquele computador ajuda o Ladislau a fazer as tais malandragens. Tá bom, o computador também ajuda a escrever mais rápido, e com maior limpeza. Só que muitas vezes facilita os furtos de idéias alheias. É só jogar lá dentro dele umas gotas de *Dom Quixote*, umas colheres de *Crime e castigo*, umas pitadas de *Guerra e paz*, e depois puxar.

— Eu sei como isso se chama! — disse Patrícia. — Programa!

— Antigamente, não havia... hum... programa! — prosseguiu o gnomo. — O escritor escrevia com caneta, e nem por isso deixava de criar histórias geniais.

— Só que devagar e sempre!... comentei.

— Pra que pressa? Havia tempo sobrando! Menos cinemas, sorveterias, fliperamas... televisões!

Patrícia botou a língua para ele.

— Tá vendo? Isso explica por que a gente lê menos!

— E será que essa troca valeu a pena? Não podia haver um pouquinho de tempo para o prazer da leitura?

Senti que esse assunto iria levar para muito longe, e puxei-o de volta ao Ladislau.

— Então o defeito da novela dele são essas... cópias!

— Há outro gravíssimo: muito lero-lero, muita emoção, e história mesmo que é bom... nada! Já viram um quadro sem moldura?

— Já!

— E uma moldura sem quadro?

Antes que alguém dissesse qualquer coisa, ele foi explicando:

— Pois uma novela, uma peça, um filme, ou um romance sem um bom enredo, sem uma boa história, é como uma moldura em volta de um quadro onde ninguém pintou. Uma tela em branco.

— Entendi! — disse Patrícia, balançando as pernas. — A gente só fica lá olhando, esperando... e não acontece nada!

— Claro! Faltou um pintor. Na novela do Ladislau também: faltou o escritor para contar alguma coisa. Só há situações imensas, pessoas em frente umas das outras, olhando-se com amor ou com ódio, falando, falando, falando... e a história não anda!

Protestei:

— Tá bom! Mas essa nossa história também não está andando! E o que me interessa mesmo é saber o seguinte: vão ou não vão contratar meu pai?

Antes que ele me respondesse, a mãe de Patrícia gritou, de dentro da casa dela. Telefone!

XXVIII

Era um chamado para o meu pai. Feliz da vida, ele foi atender, e voltou com uma cara que nunca ninguém tinha visto nele. E olhem que eu conheço meu pai!

— Que foi, meu bem? — perguntou mamãe, já assustada. — Eram eles?

— Eles quem?

— Da televisão?

— Eram, sim. Mas da outra!

E entrou em casa, sem dar maiores explicações.

Patrícia logo saltou o muro para o lado de cá, e fomos atrás dele e de mamãe, para ver se pescávamos alguma coisa. Naquele ponto, não era justo nós ficarmos por fora, sem saber de nada.

O que foi, o que não foi, veio a explicação: estavam chamando papai, sim. Mas não na televisão do Cláudio Berdorff. Quem telefonou foram os concorrentes, da emissora em segundo lugar de audiência, e cada vez mais por baixo. Queriam ele lá, urgente, e lhe ofereciam um ótimo contrato, para papai escrever uma novela.

Tinham adorado a história dele!

— Mas como tomaram conhecimento dela? — perguntou mamãe.

— Aí é que eu também não entendo: foi o Berdorff que mandou pra eles!

Papai não entendia, mamãe não entendia, eu não entendia, Patrícia não entendia... mas o gnomo devia entender!

— Casca de Bétula!

Eu e Patrícia reviramos o quintal à procura dele, e o encontramos brincando com a tartaruginha. Aquela, lembram-se? Tiramos ele de cima do casco da tartaruginha, e exigimos que nos explicasse aquilo.

— O que aconteceu, Casca de Bétula? Por que foi a outra televisão que quis contratar meu pai? Conte tudo e não esconda nada. Por que você deixou isso acontecer, Casca de Bétula?

Ele deu aquele célebre risinho com brilho de sol, e só disse isso:

— Porque eu quero fazer sucesso! E saiu correndo na tartaruga.

Atenção! Eu disse: correndo! E vocês, que nunca viram uma tartaruga galopando, vão ter que acreditar em mim.



- O que aconteceu, Casca de Bétula? Conte tudo e não esconda nada - pedíamos ao gnomo.

A partir daí, desapareceu. Ficamos um tempão sem ver Casca de Bétula. A partir daí, também, começou uma nova agitação na vida de papai.

Apesar de muito espantado, ele, que não era bobo, não perdeu tempo, e foi à tal televisão saber exatamente o que queriam com ele. Era aquilo mesmo. Puseram um contrato na frente dele, e disseram:

— Escreva a novela! Gostamos muito da história, e estamos dispostos a investir!

Papai já tinha explicado que quando uma televisão fala assim — investir —, quer dizer que está disposta a fazer uma loucura. Um tipo de loucura igual à dos jogadores que, não tendo quase mais nada para perder, arriscam o último cruzeirinho. Em televisão era assim: na hora em que as coisas apertavam, eles fechavam os olhos, cruzavam os dedos para dar sorte... e investir. Era um jogo, mesmo, e dos mais incertos e inseguros, já que apostava no gosto do público, que nunca se sabe qual é.

Mamãe dizia sempre:

— Por isso é que eu acredito em plantar. Vender comida é que dá certo. Todo mundo precisa comer.

— Sim, mas todos também precisam saber! — comentava papai.

Ele achava que as pessoas nunca devem se descuidar da cultura, do conhecimento. Falava que não basta só zelar pela saúde do corpo, mas que é indispensável desenvolver também ao máximo o espírito, pois sem isso não há progresso nem civilização. E acrescentava:

— Os povos mais bem alimentados são também os mais cultos e adiantados.

Mamãe, então, aproveitava para criticar o nível da televisão, que considerava culturalmente atrasada, querendo obrigar o público a ser igual a ela, impondo-lhe novelas medíocres e programas sem conteúdo. E brincava com papai:

— Quem sabe por isso você esteja sempre desempregado, querido? Suas histórias não interessam porque são inteligentes. Aqueles sujeitos da televisão nem entendem.

Ouvindo os dois repetirem essa conversa, eu entendi a jogada da tal emissora que convidou papai. Como a tevê do Berdorff

investia em bobagens como as do Ladislau, essa outra resolvera apostar numa história melhor, a história de Casca de Bétula!

Cabia a papai, agora, fazer dessa história uma novela de sucesso, capaz de enfrentar e — quem sabe? — até vencer a do Ladislau.

A competição tinha começado. Só nos restava esperar.

XXIX

Assinado o contrato, papai voltou para casa correndo, e começou a escrever. Agora sabíamos que ele iria ficar dias e dias fechado lá no escritório, batendo à máquina, sem se lembrar dos horários normais das refeições.

Todos os dias, uma caminhonete da emissora aparecia para buscar os capítulos que iam ficando prontos.

De vez em quando, vinham uns sujeitos se reunir com ele, para discutir problemas da novela. Outras vezes, ele tinha de descer a serra para tratar pessoalmente. Com a gente, mesmo, ele falava pouco.

Mamãe, nessa fase, aproveitou para dar andamento aos negócios da horta.

Eu e Patrícia, cada vez mais amigos, inventávamos mil e uma brincadeiras, inclusive com a garotada da vizinhança, que eu fui conhecendo aos poucos.

Mas, de vez em quando, eu pensava: afinal de contas, o que adiantava ter trazido um gnomo da Europa, se ele resolveu sumir, e não brinca comigo?

Pior foi quando, de repente, minha mãe começou a desaparecer também.

Dei por falta dela quando tive fome, e não havia almoço. Bem, felizmente, ela apareceu para fazer o jantar. Mas, no dia seguinte, nem café eu tive de manhã. O que estava acontecendo?

Ocupado com a novela, papai não dava por falta de nada. Mesmo porque, antes de sair de casa, mamãe deixava um lanche preparado no escritório. E depois se mandava.

Durante o dia inteiro, nem sinal dela.

Perguntei a Patrícia:

— Você tem idéia de onde mamãe possa estar?

— Você já procurou na horta?

Claro que eu já tinha procurado na horta, mas mamãe parecia ter-se esquecido dela.

— Não agüento mais essa horta! — ouvi certa vez. — Me dá uma trabalhadeira!

Pouco depois, começou a sumir.

Patrícia, então, teve outra daquelas idéias práticas.

— Amanhã, bem cedo, vamos atrás dela!

E fomos. Mamãe tomou um ônibus daqueles que vão de um bairro a outro de Petrópolis. Ia de calça jeans e levava uma sacola. Escondidos no último banco, nós dois a seguimos, inclusive depois que ela saltou.

Mamãe andou, andou, e chegou a um bosque, no fim da rua. Desde pequeno eu não ia naquele bosque, mas me lembro que antes eu achava que era uma floresta. Papai me levava lá, para me mostrar uma paisagem linda.

Era a baía de Guanabara, e uma boa parte da cidade do Rio de Janeiro, vistas de cima. Como se a gente estivesse a bordo de um avião, quase pousando no aeroporto lá embaixo.

Ficávamos horas, em silêncio, ouvindo só o canto dos passarinhos, às vezes o latido de um cão, o canto de um galo, ou o grito de uma criança. No mais, era o vento soprando as folhas, e o rangido das árvores.

Agora, enquanto a gente ia atrás de mamãe, eu me lembrava de tudo. E pensava: Casca de Bétula iria gostar daqui!

Subitamente, mamãe parou e abaixou-se, a uns poucos metros do lugar onde estávamos.

Escondidos atrás de uns galhos, podíamos observá-la quase perfeitamente. Ela parecia falar com alguém, com voz baixinha. Mas com quem?

— Este aqui? E este também? Que mais? — e parecia cortar algo com uma tesoura, e mexer na terra com uma pequena pá.

Raízes, tubérculos, ervas e folhas. E também cogumelos. Era isto que ela pegava. Mas quem a orientava?

— Sei! E esta florzinha também? Pra que serve? — dizia, mas não ouvíamos ninguém responder.

Ficou assim bem uma meia hora. Depois, juntou tudo, colocou numa sacola, e sentou-se para admirar o panorama, vendo o mar, os barquinhos, os aviões aterrissando no Galeão. Absolutamente quieta, mas como se alguém estivesse ao lado dela.

— Patrícia, será que minha mãe ficou maluca?

Patrícia pensou, pensou, pensou, e dessa vez não soube o que dizer.

XXX

Quando voltou para casa, mamãe passou pela gente sem nos ver, olhando sempre para a frente, como se estivesse hipnotizada.

Em casa, eu não tive coragem de comentar nada.

Mamãe quase não conversava. Já era época de estar cuidando da minha matrícula escolar, mas vivia de um jeito tão estranho, que se desligara de tudo. Ou quase tudo.

Agora, do que ela tratava era dos cogumelos e ervas que trazia, todos os dias, daquele bosque. Passava a maior parte do tempo preparando chás esquisitos, e colocando em vidrinhos. Ou distribuindo em saquinhos as plantas, grãos e flores, que deixava secar.

Li os rótulos: cambará, beldroega, saponária, erva-de-bugre, manjerona, dente-de-leão... e uma porção de outros nomes engraçados.

Quem teria ensinado isso a ela? Aquela pessoa com quem ela falava no bosque?

Foi aí que me bateu aquele palpite! Bosque... ervas... papai ocupado, desligado da família... Lógico!

Mas eu precisava confirmar.

A essa altura, mamãe já não usava as roupas de antigamente. Estava sempre com um camisolão branco até os pés, e sandálias de tirinhas. Em volta da testa, uma fita. E estava vendendo as ervas.

As pessoas que batiam lá em casa, para comprar, pareciam gostar de vê-la assim, e acreditavam mais nas explicações que ela dava:

— Isto aqui é ótimo para pressão alta! E para pedra nos rins não tem melhor que este chá! Mas se o seu caso é desânimo e fraqueza, experimente aquele!

Como aprendera? Quem lhe dissera? Eu não tinha coragem, ainda, de confessar à Patrícia as minhas suspeitas. Mas um dia eu não tive mais dúvidas.

Foi quando mamãe vestiu uma saia verde por cima do camisolão, e colocou na cabeça um gorro bicudo. E, ainda por cima, vermelho! Estava uma verdadeira gnoma gigante, parecendo Fibra de Linho.

— Você quer dizer que... quem está fazendo a cabeça da sua mãe é... — perguntou Patrícia, com enorme surpresa, quando lhe falei.

— Casca de Bétula! — completei.

— Cachorro! — foi a palavra que Patrícia disse. — Aproveitando a situação pra paquerar sua mãe!

— Bem, não sei se é exatamente isso! — eu disse, encabulado.

— A gente precisa confirmar! Amanhã vamos voltar ao bosque, para pegar esse gnomo com a boca na botija!

Fomos.

Como sempre, mamãe se acorou no meio do mato, com sua cesta (não mais a sacola), pronta para começar seu trabalho, colhendo as ervas. O tempo escorria.

Cochichei a Patrícia:

— O que ela está esperando?

Patrícia balançou sei lá com os ombros, tão por fora quanto eu.

XXXI

Mamãe continuou vários minutos sem se mexer, em absoluto silêncio.

Com o corpo dolorido, devido à posição em que estávamos, nós já não agüentávamos mais. Foi aí que aquilo aconteceu.

Esqueci de dizer que fazia um dia lindo, de muito sol. Os raios de luz se infiltravam pela copa de árvores, pincelando de prata o chão da mata. Inúmeras borboletas passavam por nós, como cores voando, num cenário de filme de Walt Disney. Quem estivesse lá na frente, na beira do abismo, poderia ver a baía de Guanabara e pensar que era um enorme espelho deitado entre três cidades.

De repente, porém, tudo escureceu como num cinema onde se apagam as luzes. Ouviu-se um forte trovão, e no mesmo instante começou a chover.

Chuvarada da grossa!

Toda aquela beleza à nossa volta sumiu, substituída pelas trevas, embora pudéssemos ver ainda minha mãe, no mesmo lugar, parada de cócoras, sem ligar para as pesadas gotas d'água que caíam.

De tão fortes, elas chegavam até a machucar. Faziam um barulho terrível, batendo nas folhas: um som cortante, como de uma máquina raspando.

O escuro, de vez em quando, era iluminado pelo clarão dos raios, como se estivessem fotografando o nosso medo.

Todas essas sensações nós tivemos em menos de um minuto. Não demorou muito, e não tivemos outro jeito senão fugirmos dali, expulsos pela chuva. Molhados até a alma, saímos correndo aos tropeções. Para não me sentir um covarde, eu ainda tentei voltar para buscar minha mãe.

— Mamãe! — gritei, com toda a força dos pulmões, no meio da barulhada.

Ela, porém, não estava mais lá.

— Vam'bora! — berrou Patrícia, puxando-me pela mão.

Várias vezes caindo, tornando a ficar de pé, escorregando outra vez, seguimos em disparada pelo mato, às vezes quase nos arrastando, até alcançarmos, cobertos de lama, a rua principal por onde passavam os ônibus.

E olha lá o sol de novo!

Tudo sequinho!

Cadê a chuva?

Livres do bosque, olhamos para trás, e lá estava ele, tranquilo, silencioso, como se nada houvesse acontecido, e ele estivesse rindo de nós.

Desconfiadíssimos, ainda perguntamos aqui e ali, mas ninguém tinha sabido de nenhum temporal.

— Acho que Casca de Bétula se divertiu à nossa custa! — eu disse a Patrícia, quando já estávamos dentro do ônibus.

Ela me olhou sem dizer nada, mas pelo seu rosto vi que havia chegado à mesma conclusão.

A maior surpresa, no entanto, eu encontrei em casa.

Lá estava mamãe, na cozinha, fritando um bife (!). Era a mesma mãe de antigamente, outra vez careta, sem aqueles trajes que a faziam uma mistura de hippie com mulher-gnomo. Ao nos ver, sorriu com a maior naturalidade do mundo, e disse:

— Crianças, como vocês estão imundas! Já para o banheiro para tirar essa lama, João Filipe! E você já para a sua casa, Patrícia! Depois do almoço, vocês brincam!

Olhei para Patrícia, Patrícia olhou para mim, e nós dois olhamos em volta à procura dos vidrinhos e das ervas que, antes, havia por ali espalhados. Tinham sumido todos!

Antes que pudéssemos respirar, no meio de tantas emoções, ouvimos uma voz de homem, e papai entrou na cozinha.

— Como é, gente? Não se come nesta casa? Eu estou morto de fome! — disse ele, com voz forte e alegre, esfregando as mãos, e acariciando minha mãe por trás do pescoço.

Barbeado, penteado, de banho tomado, e cheirando a loção importada, parecia um refém libertado do cativo.

— Ninguém me dá parabéns, não? Terminei vinte e cinco capítulos! Já vão começar a gravar minha novela! — anunciou.

Dando mil gritinhos, mamãe desandou a beijá-lo.

XXXII

Durante o almoço, não se falou em outra coisa. Ficamos sabendo que haviam contratado atores muito famosos, com excelentes salários, para a novela de papai. Acreditavam muito nela. Diziam que estava muito bem escrita. Faziam muitos elogios.

O que me deixava muito feliz era saber que papai estava se virando muito bem sozinho, sem a ajuda de Casca de Bétula. Senti que precisava muito comentar isso com o gnomo... e outras coisinhas também. Se era ele mesmo que estivera lá no bosque, teria continuado lá?

Feliz da vida, mamãe nem parecia aquela que eu vira no mato. Só fazia perguntas e comentários sobre a novela, querendo manter-se informada de tudo.

— E a novela do Ladislau? Vai estreiar junto com a sua?



- Como é, gente? Ninguém me dá parabéns, não?
Já vão começar a gravar minha novela! - anunciou papai.

— Vai! — respondeu papai. — E o Berdorff parece muito confiante nela. Está gastando uma fábula de dinheiro, com um elenco de primeira, e cenários caríssimos. E se continuar com aquela sorte de sempre, minha novela não vai dar nem pra saída!

— Pense positivamente, querido! — tranquilizou mamãe. — Sua história é ótima. E sorte é coisa que pode mudar de lado!

— Meu bem, queria ter esse seu otimismo!

E eu também. Meu otimismo seria muito maior se eu tivesse Casca de Bétula a meu lado. Quando ele apareceria? Estaria sabendo das novidades? Teria sido mesmo o responsável pela transformação de minha mãe em mercadora de ervas?

Tudo aquilo não me saía da cabeça, e eu quase não tinha mais dúvidas: maravilhado com minha mãe, Casca de Bétula a estivera atraindo ao bosque, para poder estar sempre perto dela. Provavelmente, percebera a minha presença e a de Patrícia, e fizera desabar aquela chuvarada. Mas... e mamãe? Teria visto Casca de Bétula?

Patrícia achava que sim. Eu achava que não. Só o gnomo poderia esclarecer.

— E agora eu não posso pensar nisso! — disse Patrícia. — Meu coelho está doente!

O coelho de Patrícia!

Aquela notícia caiu como um raio na minha cabeça.

— O que houve com o seu coelho, Patrícia? — perguntei quase sem fôlego.

— Quebrou a patinha, porque caiu um balde em cima dele!

— Uau! — gritei, abraçando-a, e dando um monte de beijos no rosto dela.

Patrícia não entendeu nada, e até ficou um pouco magoada.

— Então meu coelho está doente, e você fica contente?

— Vamos lá, Patrícia! Onde é que ele está? Rápido! A pátria está salva!

— Que pátria?!

Não respondi. Apenas puxei-a, e saímos correndo. Estávamos conversando na varanda da minha casa, e em dez segundos

chegamos ao viveirinho do quintal dela, debaixo de um telheiro úmido.

Respirei aliviado: o coelho ainda estava com a pata quebrada, dentro de um caixote.

— Mamãe botou uma tala, mas não sei se vai dar certo. Ela vai procurar um veterinário!

— Que veterinário qual nada, Patrícia! Sei de alguém muito melhor para cuidar disso! Vamos levar seu coelho para o meu quarto!

Antes que Patrícia dissesse qualquer coisa, peguei o caixotinho com coelho e tudo, e levei-o para dentro do meu quarto, sem mamãe ver.

— Agora sai, Patrícia. Deixe comigo! Seu coelho vai sarar!

Ela quis reclamar, mas eu fui fechando a porta educadamente na cara dela. Acho que, no fundo, ela desconfiou qual era o meu plano.

Botei o caixote na minha cama, forrando a colcha com um jornal. Pensei primeiro se chamava ou não. Bem, não custava nada, e eu fui à janela, e chamei:

— Casca! Tem alguém aqui precisando de você!

Aí, pronto. Sentei-me no chão, à beira da cama, e fiquei esperando.

Não demorou muito... e peguei no sono. Pensam que eu ia dizer: "e Casca de Bétula apareceu"? Pois não foi isso. Primeiro, eu dei essa bobeada de adormecer. Acordei com alguma coisa fazendo cócegas no meu nariz. Era o coelho, já bonzinho e curado, esfregando o focinho em mim.

— Casca de Bétula, você me paga! — berrei.

No mesmo instante, ouvi um risinho, atrás de mim.

— Ué, você não queria que eu tratasse dele?

— Casca de Bétula!

XXXIII

Nosso reencontro foi uma festa, até que me lembrei que deveria estar uma fera com ele.

— Muito bem, senhor Casca de Bétula. Acho que já é hora de nós botarmos alguns assuntos em dia — disse eu, amarrando a cara. — Que foi que você andou aprontando pra cima da minha mãe?

Já viram algum gnomo gaguejar? Eu já. Foi aquela vez! Ele olhou para o lado, deu uma gaguejada, mas eu não vacilei:

— Muito bonito isso. Então o senhor se aproveita que está todo mundo ocupado, e minha mãe sozinha, e vem lá com seus casos, suas gentilezas, suas magias e encantamentos pra cima dela? O que diria Fibra de Linho se soubesse desses seus agrados?

— E-eu n-não fiz nada demais! Apenas quis distraí-la. Ela estava tão... tão... tão carente!

— Carente? — disse eu, revoltado. — Desde quando o senhor também é psicólogo? Essa sua habilidade eu não conhecia! Agora, eu só não me conformo é de mamãe ter entrado na sua conversa mole. Ela vai ter que me explicar tudo bem direitinho!

— Por favor, não lhe faça perguntas! — implorou o gnomo. — Ela não sabe de nada!

E foi então que ele me contou, comovido, o que acontecera.

De fato, sentia uma grande admiração por mamãe, desde que a vira pela primeira vez. Achava-a cheia de qualidades e virtudes, que muitos seres humanos não têm: educada, generosa, paciente, inteligente, trabalhadeira, alegre, esforçada... além de ser muito bonita, naturalmente.

— Passe por cima dos elogios! — cortei. — Siga em frente!

Meio sem graça, ele foi direto ao que eu queria saber. Sentiu que, tendo ajudado meu pai, com isso fizera mamãe sentir-se meio abandonada, coitada, e por isso teve a idéia de distraí-la. Vejam vocês! Percebendo que fazer crescer legumes gigantes, em vez de ajudar, complicara, teve outra idéia: ensinar-lhe os segredos das plantas que curam.

— Você deve ter visto os progressos que ela teve nessa área!

— Claro! — disse eu, com certa ironia. — Mas o que aconteceu no bosque? Ela viu você? Você falou com ela?

— Nunca!

— Com quem, então, ela conversava?

— Com a minha voz! Aliás, a minha voz, não. Outra voz, que eu fazia. Ela ouvia, sem saber de onde vinha.

— Coitada. Deve ter pensado que estava ficando maluca!

— E estava mesmo!

— O quê?! — berrei, quase querendo esganar o gnomo.

— Calma. Não se impressione com uma simples palavra. Não é maluca de hospício, não. Ficar maluca, que eu digo, é o que muitos chamam de entrar em transe, ou em alfa, que está muito na moda, e tantos aceitam numa boa. Acham até um barato!

— Pois eu não!

— Estranho, isso, num garoto que fala com gnomos!

— Adiante!

Casca de Bétula explicou que praticara com mamãe uma espécie de hipnotismo, próprio dos gnomos, que passavam mensagens às pessoas, sem que elas os vissem. Foi assim que levou mamãe ao bosque, onde a colocou em contato com ervas, raízes e cogumelos. Sob o efeito daquele encantamento, ela foi aprendendo a lidar com as plantas medicinais, e depois vendê-las.

— Só isso?

— E acha pouco? Ficamos assim, até que você e sua amiguinha se intrometeram, e eu tive de inventar aquele temporal, e acabar com tudo. Depois daquilo, o encanto não teve mais graça!

— E mamãe?

— No mesmo instante, eu a fiz esquecer de tudo! Satisfeito? Pensei um pouco naquilo tudo, vendo se faltava alguma coisa a explicar, e acabei por acrescentar o seguinte:

— Só que não precisava fantasiar minha mãe de gnoma!

— É que eu estava com tanta saudade da minha Fibra de Linho!

Aquilo me fez vir à cabeça um compromisso: o de, mais cedo ou mais tarde, fazer Casca de Bétula voltar à sua terra. Mesmo tendo sido ele quem me pediu para trazê-lo ao Brasil, fez-me prometer que, um dia, eu daria um jeito de ajudá-lo a retornar.

Nós dois sabíamos que seria muito triste termos de nos separar, mas sabíamos também que os gnomos têm sempre um jeito de transformar tristezas em alegrias.

— Quando você quer voltar à Holanda, Casca? — perguntei.

— Não tenho pressa! Ainda há muita coisa para resolver! Não se esqueça de que, primeiro, quero ver minha história fazer sucesso!

XXXIV

Passaram-se várias semanas, e chegou o dia de as duas novelas estrearem, quase ao mesmo tempo. Primeiro, a do Ladislau. Pouco depois, a do papai, na outra emissora.

A do Ladislau, como todas as que ele escrevia, fez sucesso logo nos primeiros capítulos. Naquela televisão, aliás, nada fracassava.

À medida que os espectadores se habituavam à história, mais se interessavam e se sentiam presos a ela. Todo mundo comentava a favor. Perguntei a Casca de Bétula o que ele estava achando desse sucesso, e ele só disse isso:

— Costume! Quando virem coisa melhor, vão mudar de idéia! Enquanto isso, esperando a novela dele estreiar, papai era o mais inseguro dos homens. Mamãe tentava acalmá-lo:

— Não fique nervoso! Confie no seu talento!

Ele respondia:

— No meu talento, eu confio! Não confio é no público!

E se desesperava todo, descarregando no trabalho sua aflição, continuando a bater e entregar novos capítulos à produção. Outra coisa que o consolava era o dinheiro entrando.

— Não precisamos mais ficar naquele desespero de antes. Já posso até pagar a matrícula do João Filipe no colégio! — dizia mamãe, animada.

Finalmente, eu iria poder voltar às aulas. Já tinha até me esquecido de como era um colégio no Brasil. Quando isso acontecesse, talvez eu não pudesse levar Casca de Bétula comigo, escondido na mochila, como naquela vez lá na Europa. Talvez ele já tivesse partido!

De qualquer forma, todas essas decisões estavam adiadas para depois da estréia da nossa novela. E finalmente isso aconteceu! Que tal foi?

No primeiro dia, ninguém sabia dizer direito. É. Foi!

Lá em casa não houve maiores comentários, todo mundo com medo de falar besteira. Ninguém, também, comentou nas vizinhanças, embora mamãe bem que perguntasse, querendo ouvir opiniões.

— Todos estão acostumados à outra emissora! Continue aguardando! — recomendava Casca de Bétula, sem dar confiança à minha ansiedade.

E lá se foram dois, três, quatro capítulos. Uma semana, e nada. Até que, na segunda semana, um jornal já comentou: "Interessante a nova novela" (a do papai!). "Imaginosa, diferente, inteligente, original", e coisa e tal. Já era alguma coisa.

Mamãe recortou essa crítica, e mandou xerox aos amigos mais chegados. E logo teve mais trabalho: outras críticas foram saindo, cada vez maiores, ocupando mais páginas, até que depois de três semanas da novela no ar não se falou em outra coisa.

A novela de papai emplacou!

Tornou-se muito falada, discutida — e, principalmente, vista e acompanhada! —, subindo pontos e mais pontos de audiência, até começar a superar a novela da outra emissora.

A novela de papai estava vencendo a do Ladislau!

Evidente que não ficou só nisso. O fenômeno provocou discussão nacional. Nunca um programa da principal televisão do país tinha sido derrotado assim. Muitos menos uma novela, a sua especialidade!

Imediatamente, a tevê do Berdorff ficou louca. Começaram logo a mexer na novela deles, de todo jeito. Ficamos sabendo que Berdorff estava fazendo mil ameaças ao Ladislau, obrigando-o a alterações e mudanças no enredo, e contratando outros autores para escrever com ele.

Contaram a papai coisas terríveis que aconteciam lá: humilhações, desaforos, que o pobre Ladislau estava tendo que aturar.

— É que a história dele é ruim. E a minha é perfeita! — dizia Casca de Bétula, todo vaidoso. — O segredo está na história! Uma história boa, fechada, bem costurada, ganha de qualquer outra!

— É! — disse eu, defendendo papai. — Mas não se esqueça de que, se foi você que criou a história, foi meu pai que a transformou em novela, fez ela caminhar. Ele é um grande autor, também!

— Quem está discutindo isso? — respondeu Casca. — Mas foi preciso eu ajudar, para que descobrissem. Eu, e aquele goblin desajeitado!

O goblin! Eu até havia me esquecido dele!

— Eu não queria estar na pele daquele goblin! — continuou o gnomo. — Irritado com a derrota, Berdorff vai despejar sua fúria em cima dele!

— Por que, coitado? Foi o Berdorff mesmo que levou a história de papai para os concorrentes.

— Enganado pelo goblin, não se esqueça. Que inventou que a história dava azar!

— Bem feito!

Bem feito, mesmo. Isso é que se chama "o feitiço virar contra o feiticeiro". No fundo, no fundo, querendo ver a desgraça dos outros, Cláudio Berdorff foi o responsável pelo sucesso da tevê concorrente. Um sucesso que aumentava dia a dia, incomodando-o, e trazendo-lhe prejuízos.

E, para Cláudio Berdorff, para a imprensa, para o público, para as outras emissoras em geral, e para o Brasil inteiro, o segredo desse sucesso tinha um nome: o de meu pai.

Ele agora era o mais famoso autor de novelas do país.

Quem o quisesse, agora, teria de pagar caro!

XXXV

— Eu pago! O que você quiser!

— Não enche, Berdorff!

Essa conversa era por telefone. Papai de um lado, e Berdorff do outro.

O empresário ligava pessoalmente, lá da televisão dele. Eram vários telefonemas por dia, oferecendo mundos e fundos para meu pai abandonar a novela que estava escrevendo, e ir para lá, ocupar o lugar de Ladislau, que estava sendo demitido.

Já irritado com tanta insistência, papai chegou a perder as cerimônias com Berdorff, a quem, aliás, nunca tinha visto pessoalmente.

— Quando eu precisava, vocês nem ligavam pra mim. Agora quero que se danem. Não vou trair quem confiou no meu trabalho! — e bateu o telefone.

Por trás daquilo, havia também um baita orgulho. Papai estava vivendo o grande momento de sua carreira como escritor. Nossa

casa vivia cheia de amigos, antigos e novos, embora papai continuasse a maior parte do tempo trancado no escritório, na maratona de produzir capítulos. Às vezes tinha de aparecer para ser fotografado e dar entrevistas.

Precisando oferecer lanches e jantares para aquela gente toda, mamãe chegou a pensar em mudarmos para uma casa maior.

Nessas horas, papai era mais sensato que ela.

— Calma, garota. Um sucesso só não é tudo. Preciso de outros. Vários outros. Não se esqueça de que ainda estou no primeiro contrato!

— Você devia estar ganhando mais! Vale mais do que isso! Quanto o Berdorff te ofereceu?

Foi então que conheci melhor o caráter de papai, que ficou firme na posição dele, leal à emissora que o tinha acolhido.

Um dia, porém, um Mercedes parou na nossa porta. Atrás dele vinham dois outros carrões, cheios de seguranças.

Eu estava em casa de Patrícia, e só soube da visita quando papai já estava fechado na sala, conversando a sós com o visitante.

Era Cláudio Berdorff em pessoa.

Quando cheguei, mamãe estava esperando na varanda.

— É ele mesmo, mamãe? — perguntei, com pena de não ter visto a cara do sujeito.

— O próprio!

— O que ele quer?

— O de sempre! Não se conforma com o sucesso da tevê concorrente, e veio oferecer uma fortuna a seu pai.

— E papai?

— Resistiu, teimoso como uma mula, e vaidoso como um pavão! Aí, o Berdorff partiu para insinuações e ameaças!

— De que tipo?

— Pressões de quem está perdendo, e não aceita um não. Falou que seu pai faz sucesso agora, mas amanhã pode não fazer mais. E que nessa hora, quando precisar de emprego, vai encontrar as portas fechadas. Berdorff prometeu arrasar com a carreira dele!

— Nossa! E papai engoliu essa?

— De jeito nenhum! Ficou uma fera! Pensei até que ele ia bater no homem!

— E o Berdorff?

— Pedi que eu saísse, porque tinha uma última coisa a dizer a seu pai!

— Outra ameaça?

— Talvez! Não sei! Mas acho que ele acreditava nesse trunfo!

— Qual era?

— Como vou saber, se saí de lá, e eles ficaram sozinhos? Mas estou estranhando esse silêncio. E se seu pai esganar o cara?

Felizmente isso não aconteceu. Pelo contrário, ouvimos papai dar uma gostosa gargalhada. Em seguida, outra. E aí abriu a porta, todo sorridente, e falou assim à mamãe:

— Querida, veja um cafezinho pro "seu" Berdorff. Você se esqueceu?

Disse isso, e ia voltar para dentro, porém mamãe o segurou pelo braço, perguntando baixinho:

— Como estão as coisas?

— Tudo ótimo! Ele me ofereceu um cargo de direção na emissora dele!

— E você?

— Recusei, lógico!

— E ele?

— Apelou então para o tal último recurso!

— Ah, ainda tinha um último?

— Você não faz idéia. Foi uma surpresa! Nem te conto!

— Vai contar, sim senhor! O que foi?

— Querida, você vai ou não vai buscar esse cafezinho? Controlando-se muito, pois tinha sentido o clima, ela foi para a cozinha, e papai voltou para junto de Berdorff.

Continuei parado ali na varanda, e qual não foi meu espanto ao ver aparecer, por baixo da porta — quem? —, o meu amigo Casca de Bétula.

Vinha nervoso, agitado, vermelho de raiva, e foi logo dizendo:

— Fomos apanhados! Alguém contou a ele!

- Contou o quê, e a quem?
- Contou ao Berdorff que a história não é de seu pai!
- Quase caí para trás. Mas perguntei:
- E quem contou?
- Ou muito me engano, ou só pode ter sido aquele goblin!
- O goblin! E agora?
- Agora, o Berdorff está usando isso para ameaçar seu pai, de espalhar para a imprensa que o autor da novela é outro!
- Disse que é você?
- Até este momento, não! Mas isso não é o mais importante. O pior é se ele levar adiante a chantagem, e desmoralizar seu pai!
- Não pode provar!
- O Berdorff, não. Mas você não conhece um goblin! Tenho de pegá-lo antes disso!
- Você acha que consegue?

XXXVI

Antes que o gnomo pudesse responder, mamãe chegou com o café, e ele desapareceu.

Papai veio pegar a bandeja, e tornou a entrar na sala. Iria ele se curvar à ameaça? Daqui de fora, já foi falando:

— Está aqui seu café, "seu" Berdorff!

Não demorou nem dez segundos, e eu e mamãe ouvimos um grito, e uma porção de palavrões. Papai tinha despejado, de propósito, a bandeja de café em cima do sujeito.

E caiu na gargalhada, enquanto Berdorff, com a roupa toda manchada, passou por mim e mamãe feito uma bala, xingando muito:

— Você me paga! Vou acabar com você!

— Pois experimente! — dizia papai, atrás dele.

— Se não acredita, espere até ser destruído! Esmagado! — praguejava Berdorff, correndo em direção ao Mercedes, socando o ar com os punhos.

Ao ver o homem, tive aquele choque! Grandão e gordo daquele jeito, não podia ser outro. Mas eu precisava ter certeza. Saí à rua, também, para olhar de perto o rosto dele.

Nem me importei com a agitação dos seguranças, batendo as portas dos carros, sem saber o que fazer com aquele patrão lambuzado. Quando o Mercedes arrancou, cantando os pneus, eu o vi bem pela vidraça... e acabaram-se as dúvidas. Tudo confirmado: Berdorff era o meu companheiro de vôo.

Custei a fechar a boca, de espanto. E só contei a papai quando não se viam mais os automóveis.

— Claro que é ele, pai! Veio da Europa, sentado ao meu lado no avião, e viajou conversando comigo! Ele até me deu um cartão! Pena que eu tenha perdido!

— Acho que não perdeu não! — disse mamãe. — Venha ver se é esse!

Como boa mãe "arrumadeira", ela havia encontrado e mudado de lugar, pensando que não podia ser meu aquele cartão. Fomos lê-lo, e acabaram-se as dúvidas. Meu "simpático" amigão era mesmo aquele agressivo Cláudio Berdorff que acabara de sair lá de casa.

— Miserável! — disse papai.

— Que coincidência! — disse mamãe. — E isso só aconteceu porque seu tio lhe conseguiu um lugar na primeira classe!

Nada disso, agora, interessava mais. Eu pensava em quanta coisa poderia ter saído diferente, se eu tivesse dado mais importância ao homem gordo, lá no aeroporto. Crianças não costumam se preocupar com esse tipo de gentilezas, mas se eu o tivesse apresentado a meus pais, se houvesse mostrado a alguém o cartão, ou talvez até atendido ao convite dele para conhecer sua casa em Araras... se, se, se, se... Isso teria mudado alguma coisa?

Bem, não adiantava mais pensar. A guerra estava declarada, e papai contava a mamãe tudo o que o gnomo já tinha me dito.

— Imagine! De onde ele tirou essa idéia? Dizer que eu não sou o verdadeiro autor da história...!

— Que absurdo! — comentou mamãe, escandalizada.

— Ele que tente me caluniar, que eu arrebento com ele nos tribunais! — e, cheio de orgulho, voltou ao escritório para escrever mais um capítulo do seu grande sucesso.

Quando fiquei sozinho, comecei a chamar Casca de Bétula. Foi então que vi Patrícia, olhando para mim do portão.

— Não adianta procurar por ele! — disse ela. — A essa altura, já vai bem longe!

— Quem?

— Ora, quem. Casca de Bétula! Não é ele que você está chamando? Escondeu-se no carro daquele homem, e foi-se com ele. Mas antes deixou comigo um recado pra você!

— Que recado? — perguntei, já prevendo perigos terríveis para o gnomo.

— Que vai fazer o que deve ser feito, não importam as conseqüências!

Arrepiei-me todo. O pateta ia de novo bancar o herói, em defesa da gente. Proteger papai do escândalo e da vergonha. Tinha ido enfrentar o goblin, com risco da própria vida. E eu, seu amigo, iria deixá-lo agir sozinho?

— Se ao menos eu soubesse para onde eles foram...

— Eu ouvi aquele homem mandar o motorista seguir pra Araras! — informou Patrícia.

Vibrei. Não estava tudo perdido. Eu tinha o endereço naquele cartão.

Mas como ir sozinho até lá? E como entrar na casa de Berdorff? Devia ser uma fortaleza, cheia de guardas. contei tudo a Patrícia, que logo sugeriu uma solução:

— Que tal pedir ajuda ao Zé Gazua?

XXXVII

Por acaso, naquele exato momento, Zé Gazua estava almoçando na casa da Patrícia. Era irmão gêmeo da mãe dela.

— Ele se chama assim mesmo? — estranhei. — Mas Zé Gazua não é nome!

— Como não? Ficou sendo! Quando ele não era nada, se chamava Ednilson José da Matta Chaves. Mas depois que ficou conhecido, em vez de José Chaves todos chamam ele de Zé Gazua!

— Não é pra ofender, mas Zé Gazua lembra nome de assaltante! — disse eu, meio sem jeito.

— Vê lá! Zé Gazua é porque ele tem muitos amigos, muita influência, consegue tudo, abre todas as portas!

— Então é chaveiro ou polícia! — falei, brincando.

— Meu tio trabalha em publicidade! — disse ela, toda orgulhosa, levando-me até seu prodigioso tio.

Adorei conhecer Zé Gazua. E ele, pelo jeito, adorou me conhecer. Apesar do apelido, Zé Gazua era um rapaz bem-vestido e educado, talvez a pessoa mais simpática e bem-falante que eu já vira em minha vida. Não cometia um erro de português!

Ficou muito impressionado, quando soube que eu era filho do autor do momento, e, enquanto almoçava, ouviu em silêncio tudo o que eu e Patrícia tínhamos a lhe pedir.

Evidente que não lhe contamos nada sobre o gnomo. Só falamos na briga de papai com Berdorff, e que eu precisava muito ir à casa do empresário, para... para... para...

Zé Gazua logo entendeu, e disse sorrindo:

— ... para limpar a barra do seu pai, não é, garoto? É isso aí! Gostei! Talvez até você consiga! Pelo que eu conheço desse tipo de feras, ou vai ser impossível, ou vai ser fácilimo!

— Como assim?

— Os poderosos, sejam políticos ou empresários bem-sucedidos, são pessoas imprevisíveis. São durões com a maioria, mas têm lá seus momentos de coração mole, em que abrem a guarda e atacam de bonzinhos. Nunca se sabe como vão reagir.

— No avião, ele foi muito legal comigo! — falei, contando rapidamente minha viagem.

— Ótimo! Já fica mais fácil! Mas você tem certeza de que ele está mesmo aqui em Araras?

— Eu tenho! — confirmou Patrícia.

Com o maior espírito esportivo, ofereceu-se para me levar até lá.

— Então vou lá em casa, avisar à minha mãe que nós vamos passear com seu tio!

Mamãe aceitou a meia-verdade, e lá fomos nós, no carro esporte do Zé Gazua, praticamente voando na estrada. Mesmo assim, eu gritava, nervoso:

— Depressa! Depressa! Parece uma carroça!

Em vez de se zangar, Zé Gazua achava graça.

— Que é isso, rapaz? Vai salvar alguém da força? Se ele soubesse...

Não demorou muito, chegamos em frente aos muros da mansão de Cláudio Berdorff. Agora é que eu queria ver a força do Zé Gazua.

Ele desceu do carro, foi à guarita da portaria, disse quem era, e ficou esperando. Depois de uns cinco minutos, a resposta veio:

— O doutor Berdorff mandou dizer que está muito ocupado no momento, e se o senhor poderia procurá-lo amanhã na tevê.

Zé Gazua nem gaguejou, fez pose, e foi aí que senti a firmeza dele.

— Diga ao doutor que é só um minutinho, mas milhões de dólares! — e me piscou o olho, com um ar safadinho.

Novas ligações, e afinal a decisão chegou com um segurança:

— Se for só um minutinho, mesmo, ele recebe o senhor. Pegue um crachá, e venha esperar no jardim, falou?

— Há duas crianças comigo! Meus sobrinhos!

O segurança torceu a cara, mas deu crachás também a mim e a Patrícia, e nos fez entrar.

Mas não nos levou para dentro da casa. Ficamos um tempão no jardim, junto à piscina, em frente a um televisor ligado. Preocupadíssimo com Casca de Bétula, eu não parava quieto, louco para descobrir o que estaria se passando por detrás daquelas janelas.

O que aconteceu lá dentro, porém, o gnomo depois me contou. A primeira coisa que Berdorff fez, ao entrar em casa bufando de ódio, foi trancar-se na biblioteca, e pegar o goblin em cima da lareira automática.

O duendezinho maligno estava guardado naquela mesma caixa de quebra-nozes. Berdorff tirou-o de lá, e espetou um dedo no nariz dele.

— Muito bem, seu goblin trapalhão e incompetente! Eu trouxe você da Europa para que me ajudasse, e até agora só me deu prejuízo. Esta é a sua última chance. Quem é o verdadeiro autor daquela desgraça de novela?

O goblin nem titubeou.

— Um gnomo!

XXXVIII

Quando o goblin falou aquilo, Casca de Bétula — ainda escondido — pensou que Berdorff fosse explodir. Foi ficando vermelho, ficando vermelho, os olhos esbugalhados, as mãos apertando o goblin, até que soltou toda a sua raiva em berros e uma chuvarada de saliva:

— Mentiroso, descarado, cretino! Está fazendo hora com a minha cara? Pensa que sou algum retardado? Eu já lhe mostro, patife!

E, dizendo isso, ligou a torneirinha de gás da lareira, e apertou o botão que a acendia. As chamas logo brotaram.

— Espere! O que vai fazer? — gritou o diabinho, apavorado.

— Vou-lhe ensinar a não me fazer de bobo!

— Não estou fazendo você de bobo, não. Eu...

Neste momento, uma campainha tocou em cima da mesa. Era o segurança avisando, pelo interfone, a chegada de Zé Gazua.

— Não enche o saco! Manda me procurar na tevê — disse, voltando a levar o goblin para junto do fogo.

— Estou dizendo a verdade! — voltou a falar o duende, esperneando. — Alguma vez já lhe menti?

— Mentiu, dizendo que aquela história dava azar. E ela só deu sorte ao meu concorrente!

— Mas deu azar a você, pensou nisso? — gritou o goblin.

Desse jeito, só fez crescer a ira de Berdorff, que aumentou ainda mais as chamas da lareira. Foi quando o interfone chamou de novo.

— O homem falou que é um negócio de milhões de dólares, doutor! — disse a voz do segurança.

Ouvindo essa palavra mágica, o milionário respondeu prontamente:

— Manda ele esperar!

E voltou à lareira com o goblin, desta vez com fúria redobrada, como querendo liquidar logo aquele assunto. Sentindo-se perdido, o duende viu que sua chance era fazer Berdorff acreditar na sua teoria. E desandou a falar sem parar, enquanto o empresário o aproximava das labaredas.



- Espere! O que vai fazer? - gritou o diabinho apavorado.

— Você está fazendo uma tremenda besteira. Tem tudo nas mãos para escangalhar com a novela rival, e em vez disso quer me destruir! Vai perder uma grande oportunidade de desmascarar aquele sujeito lá de Petrópolis, dizendo que ele não escreveu história nenhuma. Que o verdadeiro autor é outro. Quem criou tudo aquilo, que faz tanto sucesso, é um gnomo-contador-de-histórias. Chame os jornais, que eu provo!

Berdorff nem se impressionou.

— Ah, é? Como os jornais iriam acreditar numa coisa dessas, se nem eu acredito?

— Como não? Você conhece o gnomo! Era aquele que você viu no apartamento do Ladislau!

— Qual? — perguntou Berdorff, mas sem afastar o duende das chamas.

— Eu! — disse uma vozinha, atrás dele.

Berdorff virou-se, e não viu nada. Isso apenas o irritou ainda mais contra o goblin.

— Chega de palhaçada! Pensa que me engana, bancando o ventríloquo? Eu conheço você, e por isso o melhor que faço é dar um fim nisso. Vamos lá! Eu sei que vocês goblins não sentem dor, nem morrem como os seres humanos. Você vai apenas desaparecer por algum tempo, e depois renascer em alguma floresta, em forma de algum bicho, ou talvez mesmo de outro goblin!

Com essas palavras perversas, ia partir para o gesto final, quando ouviu:

— Parado aí, cara! Solte esse goblin! — voltou a dizer aquela vozinha, em tom de filme de banguê-banguê. — E longe do fogo!

— Quem está aí? — gritou Berdorff, procurando.

— Ah, não vai soltar não, é?

E imediatamente Berdorff levou as duas mãos aos olhos, que ardiam como brasa, sendo obrigado a libertar o goblin. Casca de Bétula tinha jogado pozinho de urtiga no rosto do empresário.

Sem perda de tempo, o gnomo continuou usando suas artes para trancar o duende na caixa, selar a tampa com gosma de centopéia, e apagar todas as luzes.

Lá fora, isso foi o caos, pois já estava anoitecendo, e toda a energia da casa pifou também. Seguranças surgiram como formigas, de todos os cantos, atraídos pelos berros do patrão na biblioteca.

Eu, Patrícia e Zé Gazua ficamos em pé, e nossos cabelos idem.

— O que está acontecendo?

— Só pode ter sido o Casca! — eu disse, e saí correndo atrás dos seguranças, gritando. — Casca de Bétula!

Não tive tempo de entrar na casa. Um grupo de homens vinha voltando, e eu parei instantaneamente. No meio deles, Cláudio Berdorff em pessoa.

Ele esfregava os olhos, e explicava qualquer coisa. Ou tentava explicar. Como iria contar a verdade?

— Não, não foi nenhum assalto! Esqueçam! Precisam é dar um jeito na luz! — dizia.

E, como por milagre, a luz voltou nesse exato momento. A primeira pessoa que Berdorff viu, à sua frente... fui eu!

— Quem é esse garoto?

XXXIX

— Sou eu, "seu" Berdorff! Não se lembra mais de mim? Do avião!

Entendi, então, o que Zé Gazua me dissera sobre os homens importantes, pessoas bem diferentes das outras. E cheguei até a pensar: será que a força que eles têm os faz ficar meio loucos? O fato é que aquele "monstro perigoso" foi um doce de coco comigo. No momento exato em que me reconheceu, como se tivesse me visto pela última vez na véspera, abriu um enorme sorriso, e disse:

— João Filipe! — e me esmagou com um abraço de gorila. Logo nem parecia ter acontecido alguma coisa com ele.

Embora os seguranças, usando até cães de guarda, revirassem a casa em busca do que nem sabiam bem o que era, Berdorff fazia questão de ser o mesmo sujeito simpático da viagem, dando palmadas nas costas de Zé Gazua, beijinhos em Patrícia, e me fazendo mil agradinhos.

Mandou servir-nos um lanche à beira da piscina, lembrou nosso vôo, contou piadas, e fez perguntas sobre minha vida. Enquanto isso, eu não tirava os olhos da casa, doido para saber do

gnomo. Eu estava certo de que aquela confusão tinha algo a ver com ele.

Chegou um momento que não deu mais: quando Berdorff me perguntou pelos meus pais, e insistiu em saber o que eu estava fazendo ali, eu contei.

— O senhor esteve hoje na minha casa!

Berdorff ficou sério e calado imediatamente. Senti que era um homem que detestava surpresas, e certamente aquela era uma das grandes. Precisou tomar um grande gole de bebida, até voltar a falar outra vez. (Que aflição, a minha, sabendo que Casca de Bétula continuava lá dentro!)

— Você me pegou, garoto! Por essa eu não esperava! — disse Berdorff. — Então sabe do meu problema com seu pai. Até que ponto você está por dentro do assunto?

— Todos os pontos!

Isso foi o início de uma longa conversa, em que Berdorff mostrou que tinha também talento de ator, Patrícia e Zé Gazua assistiam em silêncio, enquanto ele chorava suas mágoas, tentava se justificar, e defendia seus métodos, dizendo que certas pressões fazem parte do negócio. Deu voltas e mais voltas, para afinal perguntar:

— Mas você tem certeza que seu pai criou mesmo aquela história?

Tive vontade de fazer o mesmo que meu pai tinha feito com ele, e por acaso havia uma bandeja ali mesmo à minha frente. Mas me controlei para ouvir aonde Berdorff pretendia chegar.

Ah, Casca, por que você não aparece?

Eu não fazia a mínima idéia de que, lá dentro, o gnomo estava participando de tudo. E — espanto! — ao lado do goblin.

O duende, apesar de sinistro, tinha sentimentos. Aliás, só unzinho: o da indignação. Estava revoltadíssimo e decepcionado com o que Berdorff lhe fizera. Afinal, lhe fora fiel, e o ajudara tanto, sempre lhe contando a verdade, e o empresário não tinha reconhecido isso. Além de não seguir seus conselhos — ou segui-los de forma errada —, ainda o chamara de mentiroso.

— Você é mentiroso, sim! — disse-lhe Casca de Bétula, ouvindo as lamentações do goblin, que ainda estava preso dentro da caixa. — Disse que a minha história era ruim!

— Eu tinha de me vingar de você! Você é o gnomo, e eu sou um goblin. Inimigos eternos! Temos sempre de nos combater!

— Nem sempre. Há condições excepcionais. Não viu como eu o livreii da fogueira?

— Hummm! De fato! — resmungou o goblin. — E por que fez isso?

— Porque eu sou um ser da floresta, e você também é um ser da floresta. Pertencemos ao mesmo meio, e temos de nos proteger uns aos outros. Além do mais, eu tenho bom coração!

— Pois, se tem mesmo, por que não me tira daqui?

— Para quê?

— Para eu me vingar daquele patife!

— Eu não me presto a vinganças! — falou Casca de Bétula, com firmeza.

— Então para ajudarmos juntos aquele garoto!

Eu estava precisando mesmo de ajuda. Pelo papo de Berdorff, ele já estava acreditando que o goblin não mentira. Só resistia à idéia de que o criador fosse, de fato, um gnomo. E, se assumisse isso, como fazer o mundo acreditar?

Berdorff sabia, no entanto, que devia me meter medo. Mas não apenas medo. Deveria me conquistar para o lado dele.

— É chato um escândalo desses. Eu não pretendo fazer nada para prejudicar seu pai, mas se os jornais descobrirem que ele copiou aquela história...

— Ele não copiou! — protestei.

— Tudo bem! Mas não é o autor dela, disso eu tenho até provas! Digamos que alguém a deu de presente! Ia ficar muito feio pra ele!

— O senhor sabe quem deu a história pro meu pai? Peguei Berdorff pelo pé, novamente. Ele gaguejou, e disse:

— Digamos que sim! Mas... não quero falar sobre isso! Na verdade, meu filho, o que eu quero é seu pai trabalhando comigo. Ao meu lado, ele estará protegido, rico, e famoso. Que tal você tentar convencê-lo disso?

— E-eu? — foi a minha vez de gaguejar.

— Claro! Seu pai seria o autor mais importante do Brasil! E do mundo, quem sabe? — disse ele, sorrindo, olho no olho. — E você

poderia voltar à Europa, quando bem entendesse. Quer ir na semana que vem?

Que pergunta! Há dias eu só pensava em como levar o gnomo de volta.

Nesse momento, o chefe dos seguranças veio dizer a Berdorff que havia uma repórter, no portão, querendo urgente falar com ele.

XL

Era uma repórter muito bonita, de um dos maiores jornais do país, e por ambos os motivos Berdorff não teve outro jeito senão recebê-la. Acho que, se ele soubesse do que se tratava, talvez deixasse para outra hora, ou falasse com a moça em particular. Tenho certeza de que ele foi apanhado de surpresa, quando a repórter foi logo perguntando, de cara, na nossa frente:

— Seu Berdorff, chegou uma denúncia, na nossa redação, que a novela da sua concorrente é um plágio! É verdade isso?

Eu não acreditei no que estava ouvindo! Nem Berdorff! Quem teria dado a notícia?

— Não entendo! Não sei de nada! Quem inventou essa história? — disse o empresário.

A repórter não parecia ter dúvidas.

— Ora, vamos lá, "seu" Berdorff! A pessoa que nos telefonou disse que o senhor sabia de tudo, e que estava à nossa espera para contar!

— Contar o quê?! — disse Berdorff, tentando manter a calma.

— Que o verdadeiro autor da história é um gnomo! Todos ficaram em pé ao mesmo tempo. E os que já estavam de pé se sentaram. Até o segurança que estava ali perto.

Houve um minuto enorme de silêncio. A repórter insistiu:

— Então, "seu" Berdorff? Nós achamos isso divertidíssimo. Dá uma matéria ótima! O senhor confirma que quem escreveu a novela rival foi um gnomo?

Berdorff sentiu o ridículo, e gritou:

— Isso é uma loucura! Uma brincadeira de mau gosto! Eu jamais faria uma declaração dessas!

A repórter nem se impressionou com a irritação dele.

— Tá bom, "seu" Berdorff! O senhor pode não estar querendo se comprometer na frente dos outros. Que tal a gente ir conversar lá dentro?

— Não vou lá dentro coisa nenhuma! — ele berrou. — Não me presto a uma palhaçada dessas. Pode publicar isso. Deve ter sido uma brincadeira, e eu desminto!

— Estranho, "seu" Berdorff! Tem outra pessoa, muito conhecida, que acaba de confirmar pra gente que a história da novela é de um gnomo, e que o senhor está por dentro disso! E essa pessoa ninguém pode desmentir!

— E quem é essa pessoa?

— O próprio escritor da novela!

Papai! Impossível! Eu não podia acreditar! Por isso achei que era hora de me meter na conversa.

— Meu pai falou isso?! Mentira sua!

A repórter me olhou de alto a baixo, como quem diz "quem é esse garoto bocó?", mas muito inteligentemente sacou a verdade.

— Teu pai é o escritor, gatinho?

— É! E sei que a novela é dele! Ele nunca diria que o autor é outro!

Ela nem se deu por achada.

— Tem um telefone aí? Então por que você não liga pra ele, e pergunta?

Diante disso que ela falou, eu não tive outro jeito. Liga não liga, telefona não telefona, eu tive de derrubar uma cadeira para me deixarem ir lá dentro, e afinal Berdorff deu ordem a um segurança:

— Leva o garoto pra falar lá na biblioteca!

Lá fui eu com o segurança. Ele abriu a porta, e apontou:

— É ali! Fala, que eu espero aqui fora!

Sozinho na biblioteca, disquei. Depois de alguns instantes, papai veio atender.

— Papai, só pra tirar uma dúvida: um jornal procurou você? Lá do outro lado da linha ele disse:

— João Filipe? Como você sabe? Procurou sim! Mas onde você está?

— Depois eu explico! Eu só quero saber o que o senhor disse para a repórter!

— O que eu disse? Ora, só uma gozação! Ela me perguntou se o verdadeiro autor da minha história era um gnomo!

— E você o que respondeu?

— Primeiro eu ri muito, e depois perguntei quem tinha contado isso! A repórter disse que foi o Berdorff!

Eu não agüentava de nervosismo.

— Tá legal, pai! Mas eu quero saber é de você! Você disse o que pra repórter?

— Ora, eu disse que era verdade! Que o autor era mesmo um gnomo! E a repórter caiu na gargalhada!

Levei um choque tão grande, que o telefone caiu no chão. No mesmo instante, ouvi risadinhas gostosas. Olhei para baixo da mesa e vi um gnomo e um goblin rolando pelo tapete, vermelhos de tanto achar graça da minha cara.

XLI

Os pilantrinhas, então, me contaram tudo. Eram eles os responsáveis por aquela trama diabólica. Os dois tinham ligado para o jornal, disfarçando a voz, contando aquela coisa maluca.

Sabiam que os repórteres iam levar na piada, mas achariam aquilo uma fofoca excelente para publicar, já contando que Berdorff e meu pai iriam desmentir. Acontece que papai, muito inteligente e esperto, não desmentiu coisa alguma.

Pelo contrário, meu pai achou aquilo uma ótima publicidade. Já que era absurdo, ninguém iria acreditar mesmo. E, por isso, ele confirmou.

— Seu pai é maravilhoso! — disse Casca de Bétula. — Já estou gostando dele. Entrou no clima da gente, mesmo sem precisarmos pedir a ele!

— Mas... como vocês conseguiram isso assim tão rápido? Ligar pro jornal... Eles virem assim depressa...

— Ora, meu caro João Filipe! E para os duendes existe tempo?

Aprendi mais esta com Casca de Bétula! Calei minha boca, e voltei para junto do grupo lá fora, sem saber o que dizer às pessoas, a não ser que papai tinha confirmado tudo.

Berdorff só faltou chorar. Bem feito! O responsável pela confusão, no fundo, tinha sido ele mesmo.

Pedi a Zé Gazua para levar a mim e a Patrícia de volta para casa. Agora só faltava aguardar pelas conseqüências.

E as conseqüências começaram a pipocar logo no dia seguinte, assim que o jornal publicou a notícia:

CLÁUDIO BERDORFF DESMENTE: QUEM ESCREVEU A NOVELA RIVAL NÃO FOI UM GNOMO. MAS O AUTOR CONFESSA QUE SIM!

Mamãe estava nervosíssima com os acontecimentos, mas papai se manteve absolutamente calmo e seguro do seu gesto.

— Estratégia, querida! Vai dar tudo certo!

E deu, mesmo! E tão certo, que eu cheguei a acreditar que toda aquela confiança de meu pai havia sido inoculada por Casca de Bétula.

À reportagem inicial, outras se seguiram, inclusive entrevistas na televisão. Todas discutiam o caso do "gnomo escritor", fazendo piada do assunto, mas curtindo a idéia. O resultado foi que, em menos de uma semana, a audiência da novela de papai duplicou.

Até televisões do estrangeiro se ofereceram para comprá-la. Papai estava definitivamente emplacado e consagrado como grande autor.

A maior surpresa, porém — pelo menos para mim —, foi quando convidaram meu pai para escrever uma novela sobre gnomos.

— Sobre gnomos?! — espantou-se mamãe. — Mas como, se você não entende nada do assunto?

— Ora, meu bem! Prepare-se! O contrato exige que eu vá para a Europa, com toda a família, passar lá uns tempos pesquisando o assunto.

Europa, outra vez!

— Mas... e o colégio do João Filipe? Eu já estava conseguindo a matrícula!

— Ele fica mais algum tempo estudando lá!

Não era exatamente o que eu estava querendo, mas seria a minha chance de reconduzir Casca à sua terra, e passar mais algum tempo ao lado dele.

Assim que contei essa novidade ao gnomo, ele não riu e esfregou as mãos de contente, como eu esperava. Pelo contrário, fez uma carinha de preocupação. Queria saber o que ia acontecer ao goblin.

Para vocês verem como os gnomos têm grandeza de sentimentos!

— Ora, mas ele é um ser maligno. Vocês dois são inimigos!

— Mas um goblin pertence às florestas do norte! — ele disse.

— Você não está querendo levá-lo com a gente, está? — perguntei.

— Preciso, ao menos, falar com ele!

Como iríamos encontrar o goblin? Para chegar até ele era preciso, antes de mais nada, passar por Cláudio Berdorff.

Isso não ia ser fácil. Primeiro, Berdorff não estava mais freqüentando sua casa de campo em Araras. Ela permanecia fechada, e diziam que estava à venda. Para falar a verdade, corriam boatos de que a derrota de Berdorff, na guerra pela audiência, tinha prejudicado todos os seus negócios. Falaram até que ele estava passando o controle de sua televisão. Haveria outra pessoa assumindo o comando da emissora.

Cláudio Berdorff, depois do caso do gnomo, já não era mais o mesmo.

Eu e Patrícia pedimos a Zé Gazua que nos levasse à mansão do empresário no Rio de Janeiro. Zé Gazua, porém, informou que ele tinha trocado a mansão por um apartamento de cobertura em frente à praia.

— Então você nos leva a esse apartamento?

— Ali ninguém entra! — disse Zé Gazua. — Por que não desistem dessa bobagem?

Senti que Zé Gazua estava tirando o corpo fora, no entanto insisti:

— Mas você leva ou não leva?

— Não!

Mais direto que isso, era impossível. Até achei que era justo, depois do sufoco que o coitado enfrentara em Araras. Resolvi ser direto, também, com Casca de Bétula:

— Casca, não vou poder falar com o Cláudio Berdorff. Acho que você vai ter de desistir de encontrar o goblin!

— Desistir por quê? — disse o gnomo, repuxando a barba. — Eu já sei onde ele está!

E completou:

— Topa ir comigo, lá?

XLII

Não sei se foi o próprio Casca que aprontou a coisa. O fato é que, dias depois, quando a viagem à Europa já estava marcada, e mamãe arrumando a bagagem, papai veio com esta:

— Meu filho, eu vou dar um pulo na televisão do Berdorff. Quer ir comigo?

— Você vai falar com Berdorff? — disse eu, aceso.

— Com o Berdorff, acho que não. Há um outro cara, agora, respondendo pela emissora. Preciso dar uma força ao pobre do Ladislau!

— O que aconteceu com ele?

— Foi demitido pelo Berdorff, você sabe, quando a novela dele começou a cair. Depois, tiraram a novela do ar, por causa da baixa audiência. Só agora, que a minha está terminando, esse diretor novo está pensando em tentar uma outra. Eu vou recomendar o Ladislau como autor!

Contei isso a Casca, e ele logo disse:

— Ótimo! Leve a mochila, que eu vou dentro dela!

Fomos.

Dessa vez, a entrada de papai naquela emissora foi diferente. De cabeça em pé. Todos o cumprimentavam, e lhe abriam passagem, perguntando pela saúde dele, dando parabéns pela futura novela sobre gnomos, e porque ele ia morar na Europa. De quebra, sempre diziam:

— Como o seu filho cresceu!

Enquanto papai dava conversa aqui e ali (e como ele adorava isso!) eu fui ficando impaciente, e acho que Casca de Bétula também.

Disfarcei, fui ao bebedouro, e perguntei baixinho, junto à mochila:

— Que é que eu faço?

Casca de Bétula botou a ponta do gorro vermelho pra fora, e disse:

— Vá à sala da direção!

— Que direção?

— A mais importante! A direção da direção!

— E onde é que fica?

— Problema seu! Procure!

Saí feito um maluco, pelos corredores, com a maior das intimidades, subindo e descendo escadas, abrindo portas, rindo para as recepcionistas. Nem me lembrei de papai, lógico!

De repente, cheguei num andar lindo, com um salão lindo, e uma secretária mais linda ainda. Só pode ser aqui, pensei. E Casca de Bétula, na mochila, confirmou:

— É aqui, sim. Vá em frente! Mas como passar pela secretária?

— Dê isso a ela! — falou o gnomo, me estendendo uma florzinha daquelas tipo dente-de-leão, que não sei como ele tinha trazido com ele.

Estendi a flor na direção da moça.

— Quer?

Ela sorriu, aceitou, e logo cheirou. Foi o bastante para ficar com jeito de boba.

— Agora, entre! Naquela sala! — disse Casca de Bétula, pulando para fora da mochila, e correndo na frente.

Entramos. Era uma sala de não ter mais fim, com uma mesa enorme no fundo, com tampo de vidro, cheia de telefones. Por trás da mesa, um homenzinho de óculos escuros, muito bem vestido, falava em todos os telefones ao mesmo tempo. Aos berros. Dando ordens e esculhambações.

— Tá tudo errado! Eu não mandei fazer isso! Passe no caixa, que está despedido! Rua!... Quando você vai aprender a trabalhar direito, seu incompetente? Burro, idiota! Vou te ensinar a puxar carroça!... Mais uma dessas, e não precisa mais aparecer aqui!...

Quem você acha que é, seu débil mental? Pra mim, você é um lixo! Todo mundo aqui é um lixo! Não servem pra nada!

Tão empolgado ele estava, que só percebeu nossa presença quando Casca de Bétula lhe falou:

— Oi... goblin!

Instantaneamente, o sujeito parou o que estava falando, olhou para nós com as lentes negras, e só quando tirou os óculos eu pude reconhecê-lo. Aquele narigão! Aqueles olhos avermelhados!

Sim, era ele! O goblin! O nosso goblin, irreconhecível de terno e gravata, agora transformado em manda-chuva de uma grande emissora de televisão.

Deu um pulo na cadeira, quando viu quem éramos. Seu rosto refletiu, imediatamente, todo um tumulto de emoções diabólicas: um misto de ódio contra antigos inimigos e de orgulho, por eles estarem testemunhando sua vingança.

— Vocês estão vendo? Eu tive de assumir tudo isso! Aquele Berdorff era uma besta! Só mesmo eu ficando no lugar dele, pude salvar a emissora! Mesmo lutando contra esse bando de cavalgaduras que trabalha aqui!

Casca de Bétula o interrompeu:

— Você quer voltar com a gente para a Europa?

O goblin tremeu.

— Hein?

— Talvez seja a sua última chance de retornar às florestas! Eu já estou indo com o João Filipe! Não agüento mais de saudades daquilo lá, mesmo gostando tanto do Brasil!

O goblin continuou calado, e o gnomo ainda disse:

— Claro que lá, em nossa terra, voltaremos a ser inimigos. Eu vou fazer o bem! E você, tanto mal quanto quiser!

— Mas não tanto quanto posso fazer aqui! — disse o goblin, dando um soco na mesa.

XLIII

O goblin estava mesmo entusiasmado com suas novas tarefas.

— Não posso mais interromper esse meu serviço! Aqui, nessa televisão, eu tenho poderes absolutos sobre centenas de pessoas.

Sem contar com os milhões, que compõem o público lá fora! Posso mentir à vontade, inventar toda sorte de patifarias, fazer quantas cabeças eu quiser... Em suma, um gênio do Mal nunca poderia desejar empreguinho mais perfeito que esse: comandar uma grande televisão! E você ainda pensa em me afastar daqui, gnomo?

Casca de Bétula olhou para mim, eu olhei para Casca de Bétula, e parece que estávamos pensando a mesma coisa: não conseguiríamos afastá-lo tão facilmente dali. E, se não fosse ele, seria outro Berdorff. Qual a desgraça pior?

O goblin continuava falando:

— Vou ter a opinião pública de um país, inteira, nas minhas mãos! Eu digo é bom, eles acreditam. Eu digo é ruim, eles vão aceitar também. O que a televisão determina é o que é certo, e ponto final! E por trás das câmeras estarei eu, só eu, e mais ninguém! E nunca imaginarão que estão sendo dirigidos por um goblin!

Deixamos aquele papagaio delirando, e nos afastamos em silêncio. Ele nem deu pela nossa saída.

— E agora, Casca?

— Deixe-o aí, por enquanto! Mais tarde pensaremos em alguém para tomar o lugar dele. Tem alguma idéia?

— Bem, o Ladislau está sem emprego!

— Desculpe, mas não sei se já podemos confiar no Ladislau. Tem que aprender muito, ainda, com o fracasso! Quem sabe seu pai, quando vocês voltarem da Europa?

Semanas depois, eu embarquei, em companhia de mamãe e papai. Muita gente foi ao aeroporto, para o nosso bota-fora. Havia vários repórteres, lógico. E Zé Gazua levou Patrícia, para se despedir de mim.

Tentando enxugar os olhos cheios d'água, ela me deu um beijo, e perguntou baixinho:

— E Casca de Bétula?

— Está bem acomodadinho, como sempre. Dentro da minha mochila!

— Pena que eu não me despedi dele! Diga que vou sentir muita falta, tá?

— Ora, Patrícia! Minha mãe falou pra sua que, nas férias, quer que você vá se encontrar com a gente! Ela manda as passagens! Estou esperando, viu?

Patrícia quase explodiu de felicidade. Pendurou-se no meu pescoço com um abraço gostoso, e não me largou mais até o portão de embarque. Só soltamos as mãos para os adeuses.

Eu e minha família já estávamos do outro lado... e adivinhem quem apareceu correndo, chamando meu pai.

— É o Queiroz! O que é que ele quer? — disse papai.

— O show, cara! Você se esqueceu? — gritou o Queiroz, lá por trás da cerca.

— Que show?

— O que você escreveu! A estréia é amanhã!

XLIV

O show estreou sem papai. Com tanto trabalho, e tanta confusão, ele tinha até se esquecido.

Durante todo o vôo, ainda não sabíamos que ele iria ser o enorme sucesso que foi.

Mamãe e papai viajaram um pouco preocupados com isso, enquanto eu só tinha na cabeça Patrícia e o abraço dela, começando a contar os minutos até o momento de voltar a vê-la.

Quando desembarcamos, porém, houve muita coisa mais em que pensar.

Europa, outra vez!

Com o passar dos dias, eu descobri que, olhando lá de fora, era mais fácil entender e gostar do Brasil. E, talvez, descobrir mil maneiras de ajudá-lo. Ali, naquelas terras às vezes frias, e em muitos pontos tão diferentes da nossa, eu me sentia bem brasileiro, e sentia orgulho disso. Mesmo gostando de tantas coisas que encontrava, e que não existiam no meu país.

Entre elas, a mais importante era Casca de Bétula.

Não era sempre que eu podia vê-lo, agora. Até vivíamos em países diferentes. Ele tinha a família dele, os animais seus amigos, e suas imensas florestas para cuidar. Mesmo assim, ajudou muito meu pai, por meu intermédio, a aprender um pouco mais sobre a vida e os costumes dos seres mágicos, e outras criaturas fantásticas. Especialmente os gnomos.



Patrícia pendurou-se no meu pescoço com um abraço gostoso, e não me largou mais...

Papai estava criando uma história linda, e, desta vez, sem a ajuda de ninguém.

Casca de Bétula me contou que Fibra de Linho ficou muito feliz em tê-lo de volta. Os gnominhos também.

Eu já estava até pensando que ele havia esquecido, por completo, aquela sua paixão por mamãe, quando um dia ela me chamou aos fundos da nossa casa européia, e mostrou:

— Olha só, João Filipe! Você entende uma coisa dessas? Eu juro que não plantei isso aí!

Para enorme surpresa minha, lá estava uma horta, com todo tipo de legumes e verduras. Igualzinha à outra, que ela tinha ganhado no Brasil.

Mamãe ainda disse, brincando:

— Vai ver, isso é coisa de algum gnomo!

FIM